



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

A NEUTRALIZAÇÃO DE GÊNERO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO EM COMUNIDADES *ON-LINE*

ERASMO DA SILVA FRANÇA

CAMPINA GRANDE – PB

2018

Erasmu da Silva França

A NEUTRALIZAÇÃO DE GÊNERO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO EM COMUNIDADES *ON-LINE*

Monografia de conclusão de curso  
apresentada ao Curso de Letras –  
Língua Portuguesa da Universidade  
Federal de Campina Grande, como  
requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador (a): Profa. Dra. Laura  
Dourado Loula Régis

CAMPINA GRANDE – PB

2018

F814n França, Erasmo da Silva.  
A neutralização de gênero no português brasileiro em comunidades on-line / Erasmo da Silva França. – Campina Grande, 2018.  
79 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.  
"Orientação: Profa. Dra. Laura Dourado Loula Régis.  
Referências.

1. Língua Portuguesa – Estudo e Ensino. 2. Neutralização do Gênero – Português Brasileiro – Comunidades On-line. I. Régis, Laura Dourado Loula. II. Título.

CDU 811.134.4(07)(043)

ERASMO DA SILVA FRANÇA

A NEUTRALIZAÇÃO DE GÊNERO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO EM COMUNIDADES ONLINE

Monografia de conclusão de curso  
apresentada ao curso de Letras – Língua  
Portuguesa da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial à  
conclusão do curso.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Profa. Dra. Laura Dourado Loula Régis  
Orientadora

---

Profa. Ma. Milene Bazarim  
Examinadora

---

Prof. Me. José Herbertt Neves Florencio  
Examinador

CAMPINA GRANDE – PB

2018

*Aos meus pais, Leda e Antônio, ela dona de casa, ele agricultor, pois, apesar de inúmeras limitações, jamais mediram esforços para que esta conquista de seu caçula fosse possível. À minha avó, Maria, personificação de força e perseverança em forma de mulher.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pois é meu norte e minha força. À virgem Maria, poderosa intercessora e mãe acolhedora.

A minha avó, pelos sábios conselhos, por me fazer acreditar que eu poderia chegar até aqui.

As minhas amigas, Ellyda, Analice e Rianny, presentes que a universidade me deu. Vocês tornaram o ambiente impessoal da academia solo fértil de uma amizade despreziosa e sincera.

Ao meu confidente, amigo inabalável, companheiro de vida, Diego, por ser céu e vento, jamais me deixando voar sozinho.

Aos professores que passaram por mim me marcando de maneira positiva e mostrando valores que com certeza levarei para toda a vida: Milene Bazarim, Luciene Patriota, Williany Miranda, José Mário, Manassés Xavier, Aluizio Dantas, e tantos outros.

A minha Orientadora, minha “chefa”, Laura Dourado, por cada contribuição, por estimular minha autonomia, por sua grandiosa humildade, por ser minha Rosa dos Ventos nos momentos difíceis de escrita, por trazer leveza nesta etapa tão desgastante da vida acadêmica.

Ao Programa institucional de bolsas e iniciação a docência, por proporcionar contato literal e diário com minha área de atuação, auxiliando de forma ímpar em minha formação.

*“As pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.*

*(William Labov, 2008)*

## SUMÁRIO

|                  |    |
|------------------|----|
| INTRODUÇÃO ..... | 11 |
|------------------|----|

### CAPÍTULO 1

|  |    |
|--|----|
| A LÍNGUA COMO FATOR SOCIAL, CULTURAL E REPRESENTACIONAL...                 | 14 |
| 1.1 FATORES SOCIAIS COMO CONDICIONANTES DAS MUDANÇAS NA LÍNGUA.....        | 17 |
| 1.2 <i>INTERNET</i> : DEMOCRACIA REAL DE EXPRESSÃO E PSEUDOANONIMATO ..... | 21 |

### CAPÍTULO 2

|  |    |
|--|----|
| REVISITANDO CONCEITOS GERAIS DE SUBSTANTIVOS, ADJETIVOS E PRONOMES ..... | 27 |
| 2.1 O SUBSTANTIVO .....  | 27 |
| 2.1.1 GÊNERO FEMININO X GÊNERO MASCULINO: FLEXÃO OU DERIVAÇÃO?.....      | 31 |
| 2.2 O ADJETIVO .....   | 36 |
| 2.3 O PRONOME .....  | 39 |
| 2.4 SEXO E GÊNERO GRAMATICAL: UMA DIFERENCIAÇÃO NECESSÁRIA .....         | 41 |

### CAPÍTULO 3

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| METODOLOGIA.....                     | 46 |
| 3.1 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA..... | 46 |
| 3.2 COLETA DE DADOS .....            | 47 |
| 3.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....       | 49 |

### CAPÍTULO 4

|   |    |
|---|----|
| REFLEXÃO SOBRE NOVAS DESINÊNCIAS DE GÊNERO (D.G): CONHECER PARA COMPREENDER ..... | 53 |
| 4.1 AS NOVAS DESINÊNCIAS DE GÊNERO EM SUBSTANTIVOS.....                           | 54 |
| 4.1.1 A DESINÊNCIA “x”;.....  | 54 |
| 4.1.2 A DESINÊNCIA “@” .....  | 59 |
| 4.1.3 A DESINÊNCIA “e” .....  | 61 |
| 4.2 AS NOVAS DESINÊNCIAS DE GÊNERO EM ADJETIVOS .....                             | 63 |



|  |           |
|--|-----------|
| 4.2.1 A DESINÊNCIA “x” .....                         | 63        |
| 4.2.2 A DESINÊNCIA “@” .....                         | 65        |
| 4.2.3 A DESINÊNCIA “e” .....                         | 67        |
| 4.3 AS NOVAS DESINÊNCIAS DE GÊNERO EM PRONOMES ..... | 69        |
| 4.3.1 A DESINÊNCIA “x” .....                         | 69        |
| 4.3.2 A DESINÊNCIA “@” .....                         | 71        |
| 4.3.3 A DESINÊNCIA “e” .....                         | 72        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                    | <b>74</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                              | <b>77</b> |

## **LISTA DE FIGURAS**

|   |    |
|---|----|
| Figura 1: Estabilização do movimento cíclico entre os três componentes..... | 23 |
| Figura 2: O Print como é retirado da internet .....                         | 48 |
| Figura 3: O Print como está nesta pesquisa.....                             | 49 |

## **LISTA DE QUADROS**

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1: Critérios distintivos de Mattoso Câmara Jr. .... | 35 |
|--|----|

## **LISTA DE GRÁFICOS**

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1: Relação entre classe gramatical e desinência de neutralização de gênero no tempo ..... | 50 |
|---|----|

## **LISTA DE TABELAS**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 - Modo de organização das seções de análise..... | 53 |
|---|----|

## RESUMO

**Resumo:** Ao tomarmos a língua como um importante demarcador de mudanças sociais, percebemos o quão intimamente essas duas partes estão interligados. Nesse sentido, o presente trabalho analisa o fenômeno da neutralização de gênero no Português Brasileiro em comunidades *on-line*, tendo como objetivo geral investigar a expansão das desinências ‘agênero’ nesses ambientes virtuais. Mais especificamente, almejamos alcançar os seguintes objetivos: a) identificar as classes de palavras com maior incidência das novas formas de neutralização de gênero; b) averiguar se as ocorrências encontradas no ambiente da *internet* atendem aos critérios da flexão ou da derivação; c) comparar o comportamento morfológico de marcação de gênero previsto pelas gramáticas com o da neutralização de gênero nas comunidades *on-line*; d) refletir sobre os ambientes e as prováveis motivações para a necessidade de neutralização de gênero no Português Brasileiro. Desse modo, mobilizamos referenciais teóricos para discussão da relação “língua, cultura e sociedade” (BUTLER, 2017; TIBURI, 2018), do conceito de gênero gramatical e para revisão das classes de palavras (BAGNO, 2011; CÂMARA JR., 2015; GALLI, 2009; BOTELHO, 2010; GONÇALVES, 2011; AZEREDO, 2005). Para a coleta e análise dos dados, utilizamos a metodologia qualitativo-interpretativista de natureza Netnográfica, uma vez que realizamos levantamentos *on-line* dos dados por meio de fotos autocapturáveis de dispositivos eletrônicos como celulares e computadores entre os anos de 2015 e 2018. As análises revelaram a sobreposição de fatores socioculturais a aspectos gramaticais nos mais diversos ambientes sociais virtuais, por pessoas que desempenham papéis sociais distintos e expressam-se em variedades linguísticas diversas. Foi possível identificar ainda maior incidência das formas de neutralização de gênero “x”, “@” e “e” nas classes de substantivo, adjetivo e pronome, embora ainda de modo irregular e não padronizado.

**Palavras-chave:** Gênero. Neutralização. Comunidades *On-line*.

## INTRODUÇÃO

Com o passar dos tempos podemos presenciar, a cada dia com maior frequência, a luta pelo combate a qualquer natureza de preconceito, sob a justificativa de que tais pensamentos não derivam de estudos científicos, ou de posicionamentos consistentes, mas sim de uma ignorância intolerante que é regida por ideologias rígidas que pregam a discriminação e segregação, propagando-se ao passo que disseminam o ódio.

Nesse sentido, podemos citar os levantes de minorias que buscam a cada dia mais visibilidade e representação. A ideologia de gênero é um desses exemplos que se propõe a explicar o funcionamento de como essas pessoas se sentem consigo mesmo. No entanto, isso não se torna algo fácil em uma das sociedades que mais matam, no mundo, gays, lésbicas, trans., etc. como a nossa.

As tentativas de mudança no padrão de identidade, proposta por esses grupos, vêm sofrendo resistências por serem constantemente encaradas como desconstrução política, no entanto, trata-se justamente do contrário, pois como esclarece Butler (2017): "A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada" (BUTLER, 2017, p.256).

Sendo assim, esta pesquisa foi idealizada e construída sob a justificativa de que essas práticas e ideologias sociais se refletem também em nosso dialeto, dado o movimento cíclico que existe entre sociedade, cultura e língua, de forma que esta última comporta-se como um espelho dos usos que crescem a cada dia nos meios sociais.

Estudos como este são importantes formas de dar visibilidade a esses movimentos da linguagem, e para que possamos perceber como essas variações linguísticas afetam a morfologia de nosso Português, pois elas decorrem de um movimento que é alavancado pelos indivíduos que se manifestam a fim de incluir-se no meio social como cidadãos, pois a linguagem tem o poder de produzir realizações importantes para os indivíduos.

Considerando isso, a discussão central desta pesquisa está entre a influência que aspectos sociais podem exercer na língua e o papel social que ela é capaz de alcançar, considerando as mudanças estruturais a que ela vem

sofrendo em decorrência das ações culturais de seus usuários para proporcionar uma linguagem sem gênero definido, uma vez que muitos deles não se incluem no par masculino/feminino, estabelecido socialmente.

Partindo desses pontos, a pergunta que guiou esta pesquisa foi: Quais as novas formas de neutralização de gênero utilizadas em comunidades *On-line* na contemporaneidade?

O nosso objetivo geral residia em analisar a neutralização do gênero em comunidades *on-line*. De modo mais específico, pretendíamos: a) identificar as classes de palavras com maior incidência das novas formas de neutralização de gênero; b) averiguar se as ocorrências encontradas no ambiente da *internet* atendem aos critérios da flexão ou da derivação; c) comparar o comportamento morfológico de marcação de gênero previsto pelas gramáticas com o da neutralização de gênero nas comunidades *on-line*; d) refletir sobre os ambientes e as prováveis motivações para a necessidade de neutralização de gênero no Português Brasileiro.

Para isso, o presente trabalho, organiza-se em três capítulos, além desta Introdução: No capítulo 1, discutimos aspectos socioculturais da língua, entendendo-a como um importante reflexo de comportamentos presentes na sociedade. Nesse capítulo são abordados estudos que comprovam que vivemos em uma sociedade patriarcal, normativa e preconceituosa. Apresentamos conceitos importantes de uma abordagem social e linguística e, de maneira específica, observamos conceitos-chave dos principais problemas que o gênero social apresenta, mostrando-se inconsistente e arbitrário. Para essa discussão, mobilizamos as contribuições de Butler (2017) e Tiburi (2018). A última seção deste capítulo é destinada ao detalhamento do ambiente em que essas ocorrências surgiram e foram observadas por nós, e os possíveis motivos pelos quais a *internet* está sendo o principal meio de circulação dessas novas desinências.

No Capítulo 2, empreendemos uma revisão das classes de palavras substantivo, adjetivo e pronome nas perspectivas tradicional e funcionalista. Para isso, são recuperadas as contribuições de Cunha (1986), Bagno (2011), Castilho (2016) e Neves (2000). Procuramos rever a maneira como essas classes de palavras são descritas, bem como o processo de mudança de gênero gramatical é encarado de acordo com o ponto de vista dos autores, ou seja, se

esses gramáticos compreendem o gênero como um processo flexional, derivacional ou num *continuum*, a partir do qual não haveria necessidade de uma classificação categórica. Por fim, tal capítulo realiza uma importante discussão em relação à distinção entre sexo biológico e gênero gramatical, em que o equívoco é dado muitas vezes por cargas culturais e sociais que são atreladas às vogais temáticas que estão no final das palavras e, nesse sentido, Câmara Jr. (2015), Azeredo (2005), Aguiar (2006), Botelho (2010) e Gonçalves (2011) proporcionam uma rica discussão.

No Capítulo 3 são descritos os aspectos metodológicos deste trabalho, como natureza e tipo de pesquisa, processo de coleta de dados e de constituição das categorias de análise. Nesse capítulo, há ainda uma discussão aprofundada acerca da pesquisa Netnográfica, dado o contexto em que essas ocorrências foram observadas.

O Capítulo 4 corresponde à nossa análise do fenômeno da neutralização de gênero, a partir das três desinências (“x”, “@” e “e”) nas três classes de palavras – substantivo, adjetivo e pronome –, selecionadas para estudo.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, nelas apresentamos nossas conclusões desta pesquisa, seguidas de nossas referências bibliográficas.

## **CAPÍTULO 1: A LÍNGUA COMO FATOR SOCIAL, CULTURAL E REPRESENTACIONAL**

A língua é parte constitutiva da identidade humana e possibilita, através de seu caráter interacionista, a diferenciação de cada comunidade, dados os aspectos que singularizam seus falantes. Promovendo a inserção do indivíduo em diferentes grupos de lâmina social de acordo com a faixa etária, grau de instrução e gêneros distintos, ela, a língua, molda-se em decorrência de tais fatores às exigências, exclusões e influências internas dos integrantes desses agrupamentos. Dessa forma, concordamos com Furtado da Cunha (2011) quando diz que a língua “não constitui um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, ao contrário, reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas” (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 158).

Apontando a língua como um importante instrumento de manutenção social, Labov (2008) faz uma distinção pertinente entre os estudos linguísticos e sociais, orquestrando também os pontos em que os dois aglutinam-se e tornam-se complementares assim:

Como forma de comportamento social, a língua é naturalmente de interesse do sociólogo. Mas a língua pode ter uma utilidade especial para o sociólogo como indicador sensível de muitos outros processos sociais. A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social (LABOV, 2008, p.140).

Tais considerações chocam-se com concepções consolidadas no estruturalismo cuja gênese encontra-se nos estudos de Saussure, pois, ao optar estudar apenas a arquitetura interna da língua, aquilo que era sistemático, o autor infere à língua o patamar de um sistema orquestrado por regras internas, tomando-a como autossuficiente, autônoma. No entanto, com as concepções funcionalistas da língua que integram as influências extralinguísticas ao seu estudo como parte essencial de seu funcionamento, o fator ‘contexto’ ganhou um

caráter de grande importância sobre quem fala ou escreve. Em congruência a isto, verifica-se que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre (LABOV, 2008, p. 21)”.

Percebemos que tanto a fala quanto a escrita trazem características acerca de usuários específicos, de acordo com suas variações. Dessa maneira, a língua se configura como uma representação singular de cada espaço e pessoas que nele frequentam, ultrapassando o *status* de código de transcrição gráfica das unidades sonoras. Na fala, isso se concretiza nas interações que se estruturam, na escrita ela envolve um processo de diferenciação dos elementos e relações reconhecidas no objeto a ser apresentado e uma seleção daqueles elementos e relações que serão retidos na representação (FERREIRO, 1995).

O desenvolvimento da linguagem nos possibilitou realizar movimentos de transição daquilo que é íntimo do falante para o meio exterior, o social. Nesse sentido, a língua, em seu estado oral quanto escrito, “encontra significação no valor intersubjetivo constituído nos diferentes universos sociocomunicativos” (SANTOS, 2012. p. 42). A linguagem, dessa maneira, não é entendida como sistema formal ou código fechado.

Em alguns enquadramentos teóricos acerca dos estudos sociais da linguagem, elementos como a estrutura da língua abarcam a função representacional, além da referencial, pois incorpora elementos que estão em atividade na consciência do falante, refletindo-se nas escolhas estilísticas que o identificam como parte constituinte de um subgrupo específico da comunidade (LUCHESE, 2004).

Nesse sentido, a afirmação infértil de que “tudo na língua é válido, desde que a comunicação não seja afetada”, que muitos estudiosos da linguagem já escutaram, está equivocada, de acordo com a discussão levantada por Bagno (2007). Para o autor, a língua configura-se em um “poderoso instrumento de controle social, de manutenção ou ruptura dos vínculos sociais, de preservação ou destroçamento das identidades individuais” (BAGNO, 2007, p. 83). Guiados por esse pensamento, é pertinente dizer que a língua não se trata de um simples “meio de comunicação”.

Seguindo essa lógica, entende-se que a Língua Portuguesa (doravante LP) constitui-se em um forte elemento de exposição da apropriação social e



cultural de seus usuários. Ao seguirmos pela perspectiva de sua estrutura, pensando na LP que conhecemos hoje como um produto (não acabado) de todo um processo temporal que a esculpiu, é inteligível que a língua articula tanto elemento internos quanto externos os interligando de acordo com sua necessidade comunicava.

Explorando as facetas da variação linguística, Ataliba de Castilho evoca esclarecimentos necessários acerca deste conceito. Segundo o autor, é necessário conscientizar-se acerca da heterogeneidade que subjaz o Português Brasileiro (*doravante* PB), de maneira a compreender que “variação e mudança são propriedades linguísticas que não impedem a intercompreensão, porque obedecem uma sistematicidade e uma regularidade” (CASTILHO, 2016, p.197), ou seja, um processo genuíno da língua que surge com base em fatores socioculturais, geográficos, etc.

Nesse sentido, o autor esclarece que as variedades culta e popular estão separadas por linhas muito tênues, explicando que não há registro certo ou errado, o que existe são operações que com a variedade correspondente ao nível sociocultural do falante, “os juízos de valor associados a essas modalidades decorrem de circunstâncias sociológicas que nada tem a ver com a enorme complexidade de ambas as variedades linguísticas” (CASTILHO, 2016, p.205).

Entende-se, portanto, de acordo com pensamentos do linguista, que cada variação sociolinguística se define por uma série de características, distinguindo-se umas das outras por sua frequência de uso. Isso também está estritamente, e principalmente, ligado com a comunidade de falantes, que cobram adesão aos padrões que a regem por todos, e quando isso não é feito, o indivíduo torna-se um estranho em seu grupo e, em situações extremas, ocorre a perda da identidade de seus falantes.

Nesse sentido, a variação é possibilitada de acordo com fatores sociais que instigam os falantes a procurarem meios de representação em sua língua. Podemos citar, como um fato atual que movimentou essa manutenção, as discussões sobre gênero que têm se refletido em estruturas linguísticas hodiernas. Vendo dessa forma, podemos inferir que aspectos que ocorrem na sociedade, de uma maneira geral, incidem sobre a língua de tal forma que,

devido seu aspecto maleável, a molda em decorrência desses novos comportamentos, como veremos na seção seguinte.

## 1.1 FATORES SOCIAIS COMO CONDICIONANTES DAS MUDANÇAS NA LÍNGUA

Ilustrando o que foi dito em nossas discussões até agora, a filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler, nome referência nos estudos acerca do movimento feminista, teoria *Queer*, filosofia política e ética, evoca em sua obra *Problemas de Gênero*, uma abordagem valorosa que contribui em nossa discussão. Isso se justifica ao passo que entendemos que as recentes ascensões de teorias acerca do gênero sexual refletem-se na língua, dados todos os fatos até aqui explicitados.

Seguindo esse raciocínio, as palavras de Bagno (2011) em sua Gramática Pedagógica, convergem de certa forma com as da autora quando o autor declara ser uma questão de sorte termos o masculino e feminino como gêneros (já que essa categorização trata-se, como veremos no capítulo 2, de uma construção arbitrária, ou seja, sem explicação científica). Nesse sentido, a autora nos faz refletir que talvez a sorte tenha sim sua parcela de responsabilidade ao que se refere à fixação desses dois padrões de gênero, no entanto, o que as mantém tão vivas ainda hoje explica-se por uma espécie de diferenciação do gênero que divide homens e mulheres, no sentido de que os primeiros são entendidos como dominantes, em todos os sentidos, em relação às segundas.

Um dos alicerces da pesquisa de Butler nessa obra é a chamada “Ordem Compulsória”; ela cria a terminologia para referir-se ao comportamento hétero e normativo desenfreado que rege os mais diversos âmbitos sociais, econômicos, políticos e culturais, que solicita a coerência integral entre sexo/gênero<sup>1</sup> e desejo em conglomerações que são obrigatoriamente heterossexuais. Nas condições citadas, a autora faz a distinção entre sexo (Biológico/natural ou naturalmente adquirido) e gênero sexual (como culturalmente construído). Infere-se que, obviamente, ela não focaliza apenas os aspectos gramaticais, mas o gênero

---

<sup>1</sup> Será feita uma ampliação da discussão acerca de sexo e gênero gramatical em um tópico à parte ao final do Capítulo 3.

sexual social de maneira geral. No entanto, compreender tais aspectos se faz necessário, pois esses fatores contribuem para a confusa relação entre gênero gramatical e sexo biológico, feita pela maioria dos usuários da língua, ao passo que usam o fator cultural para distinguir masculino de feminino, como veremos mais à frente, no próximo capítulo.

A pensadora defende que embora não seja difícil provar a binaridade sexual, dadas às características morfológicas distintivas de homens e mulheres (genitálias), isso se torna desconcertante se pensarmos que tal lógica não funciona caso questionemos o motivo de os gêneros também serem dois. Tal determinismo da dicotomia de gêneros é tomado pela autora como algo negativo; ela explica que ao passo que se delimita a dualidade masculino/feminino, também se reforça a relação de imitação que é (ou ao menos deveria ser) feita, de acordo com as regras gerais da sociedade entre sexo e gênero, na qual o sexo espelha ou restringe o gênero e, neste sentido, quando um é dissociado do outro, de acordo com a autora, “mulher e feminino” poderiam significar um corpo masculino ou feminino, e vice-versa (BUTLER, 2017).

Ao abordar o gênero sexual, segundo pensamentos por ela desenvolvidos, ao contrário do que estamos habituados, não se trata este de uma categoria do sexo, como Butler afirma: “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2017, p. 25). Isso explica o fato de uma identidade feminina poder ser construída em um corpo masculino e vice-versa. Desse modo, a pensadora indica que o sexo não é totalmente natural, mas é ele também discursivo e cultural como o gênero.

Traçando uma linha tênue na relação estabelecida com a cultura pelo gênero, a pensadora percebe que este último também constitui o meio discursivo cultural, em que a natureza da sexualidade se estabelece como um pré-discurso que serve de base para a cultura. Nesse sentido os discursos criam pressupostos que estabelecem limites, limites esses que estão preocupados em preservar certos dogmas, sugerindo uma “experiência discursivamente condicionada” (BUTLER, 2017, p.30). E assim

tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseados em estruturas binárias que se

apresentam como linguagem da racionalidade universal. Assim, a coesão é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio amigável do gênero (BUTLER, 2017, p.30-31).

Os raciocínios que embasam as tessituras até aqui abordadas nos evidenciam fatos implícitos na relação entre sexo e gênero sexual. Percebe-se que fatores fixados socialmente atuam sobre a nossa sociedade, nossa cultura e nossa língua há tanto tempo que são naturalizadas por nós, uma vez que o gênero é uma repetição estilizada do corpo no interior de uma estrutura que é reguladora e muito rígida, fixada ao decorrer do tempo para “produzir uma substância, de uma classe natural do ser” (BUTLER, 2017, p. 69), ou seja, se o ser tem pênis deve, “naturalmente”, ser masculino, e vice versa. Contudo, tal comportamento de “generificar” não pode ser tomado como natural, pois é imposto.

As discussões que envolvem o quesito “identidade conduzida” também são abordadas por Tiburi (2018) na obra *Feminismo em comum para todas, todes e todos*. A autora faz uma exposição acerca do movimento feminista e como ele engloba as demais mobilizações que são segregadas e se constituem como minorias. Desse modo, nos ajuda a entender de maneira mais apropriada como o usuário da língua, enquanto cidadão, se autocompreende, assim como nos dá suporte para entender como uma sociedade pautada em uma Ordem Compulsória impõe normas de comportamento em um contraponto com o movimento feminista, que é uma luta das minorias e que não está focada somente na “igualdade entre homens e mulheres” como uma parcela das pessoas do senso comum acreditam ser.

Tendo em vista as regras preconcebidas que estão arraigadas a nossa sociedade, a pensadora afirma que

no contexto do patriarcado a identidade é um parâmetro heteroconstruído; no feminismo a identidade é um elemento de construção de si que passa necessariamente pelo autorreconhecimento de cada um acerca de si mesmo. (TIBURI, 2018, p.22).

A inconformidade é algo a se notar em ambas as obras e essa característica dialoga com nossos objetos de análise, pois as autoras entendem que “gênero” é o termo usado para analisar os papéis do par binário hegemônico

(masculino/feminino), em que regras de comportamento estão sempre presentes, nos controlando, fazendo de nós (e usando um termo explorado pelas duas) seres “generificados”. Contudo, infere-se que enfrentar a tradição determinista e arraigada em muitos não é tarefa fácil, e causa incômodos. No entanto, pode-se dizer que “o patriarcado opressor sempre foi a verdadeira ‘ideologia de gênero’” (TIBURI, 2018, p.48) dominante, excludente e injusta, vale salientar.

Nessa perspectiva, dialogando mais uma vez entre si, as autoras concluem que gênero sexual (considerando a estrutura binária) possui um caráter histórico-antropológico, assim como o sexo. Dessa forma, pensar que sempre tenha sido o sexo o próprio gênero, de forma que a distinção entre eles é nula, não é utópico quando as tomamos como doutrinas sociais construídas (BUTLER, 2017; TIBURI, 2018).

Os padrões sociais que geralmente nos são impostos estão centrados em moldes estético-morais, que são feitos por meio de marcadores dogmáticos e opressivos, travestidos como argumentos de politização que na grande maioria das vezes privaram uma parcela de pessoas de suas expressões próprias. Observamos isso nas diversas exposições do que é “aceitável” socialmente, para ilustrar o que estamos dizendo, podemos citar os preconceitos das mais variadas naturezas, racismo, homofobia, e etc. para provar que tudo que não se encaixe nesse padrão é rejeitado pela massa.

Com a língua não é diferente, as mudanças que nela surgem nem sempre são vistas com bons olhos, e quando refletem um comportamento social que desvia do padrão isso se confirma com ainda mais força. A chamada “Variação Individual” nos permite encontrar a partir “de um conjunto de parâmetros que permite observar a variação individual na execução do PB: o registro, a idade, o sexo” (CASTILHO, 2016, p. 211), bem como uma comunidade de falantes que fazem uso da língua de maneira distinta, representacional ou simbólica (CASTILHO, 2016). A língua configura-se, dessa forma como meio de manutenção social capaz de solidificar movimentos e os legitimar (ou não) com o passar dos tempos, ilustrando o que dizem Labov (2008) e Luchesi (2004). A língua, para alguns é meio de resistência e visibilidade.

A tentativa de neutralização de gênero, observada em contextos virtuais exemplifica como se constituem esses “reflexos”, pois explicitam de forma contundente as relações estabelecidas entre fatores sociais e linguísticos.

Sabe-se, portanto, que há ambientes mais propícios que outros para manifestar determinados comportamentos, sejam eles reais ou virtuais, configuram-se em acarretadores de diferentes formas de expressão. A *internet*, por exemplo, é regularmente acessível e permite uma expressividade sem tantas barreiras, causada, talvez, pela sensação de ter uma identidade coletiva ao tempo que se mantém a preservação de face, como estratégia para fugir de opressões seus usuários ainda contam com a vantagem (ou desvantagem) de atingir pessoas dos mais diversos setores sociais.

No nível de linguagem exclusiva desse tipo de ambiente, o chamado “internetês” ilustra o que dizemos, pois trata-se de uma variação típica das comunidades *on-line* com propósito de interação ou não, que requer o desenvolvimento de letramentos específicos para ser compreendido. Nesta lógica, considerada, equivocadamente por muitos como uma “terra sem leis”, a rede mundial de computadores é sinônimo de liberdade desenfreada, mas, em alguns casos, também atrai ponderações interessantes que nos fazem perceber que a variação linguística também se faz presente por detrás dos Led’s, Pixel’s e polegadas de computadores e *smartphones*.

## **1.2 INTERNET: DEMOCRACIA REAL DE EXPRESSÃO E PSEUDOANONIMATO**

Ao considerarmos o advento da internet e o início da era digital com a disseminação de seu acesso entre os mais diversos grupos sociais, faremos um direcionamento de nossa análise para o campo das atuais redes sociais. Paiva (2016) compara o Facebook® a um ecossistema<sup>2</sup> que se divide, metaforicamente em diversos biomas<sup>3</sup>, configurando-se, dessa maneira, em um ambiente propício à interação entre diversos “seres” de variados grupos. Tal rede

---

<sup>2</sup> Ecossistema é um conjunto formado pelas interações entre componentes bióticos, como os organismos vivos.

<sup>3</sup> Um bioma é um conjunto de diferentes ecossistemas.

social, segundo a autora, é um “sistema aberto” e da mesma maneira que “tornou-se um ambiente de exibicionismo e *bullying*” (PAIVA, 2016, p. 68), possibilita uma visibilidade extraordinária de assuntos antes despercebidos aos olhos sociais, e isso é possível devido à grande liberdade e sensação de preservação de face que o indivíduo sente por detrás das telinhas e telonas.

De acordo com as contribuições de Buzato (2016), as Redes Sociais de Interação (doravante RSI), componentes integrantes das comunidades *on-line*, são importantes ferramentas para os estudos sociológicos, pois trazem ao pesquisador “uma manifestação empírica em grande escala de algo que antes constituía basicamente um argumento teórico” (BUZATO, 2016, p.37). Nesse sentido, o foco das RSI está em um ponto de vista epistemológico, cuja concepção subjacente ao “ser” está pautada na automatização em que essa “rede” é entendida como uma topologia de laços entre os atores e, dessa forma, as redes sociais configuram-se como ferramentas de modelagem para o funcionamento estrutural de um conjunto social a partir de interações locais.

As relações mantidas entre a entidade e o contexto se dão de maneira descontinuada e pautada em níveis diferentes de interações casuais em que sujeito e objeto são separados e tem identidades posicionais que condicionam a ação dos atores, assim as interações pontuais surtem efeitos globais, por isso possibilitam uma visibilização micro e macro do fenômeno observado, isto se dá devido uma organização “parte/todo” em que a reunião de um constitui o outro, desta maneira condiciona um percurso de investigação que é dado de maneira progressiva, ou seja, do simples para o complexo (BUZATO, 2016).

O processo de investigação via RSI “explica determinado ordenamento social a partir de regras locais de interação” (BUZATO, 2016, p.38), pois é possível a identificação de regras topológicas e quantitativas entre os atores, o que promove a capacidade de oferecer previsões concisas sobre fenômenos coletivos a partir de comportamentos individuais, independente das influências contextuais, em sentido geográfico-material.

Contribuindo e ampliando essa discussão, os dizeres de Galli (2009) frisam que os avanços tecnológicos que vivenciamos a cada dia permitem tanto a ampliação quanto a padronização do léxico, em áreas específicas, de maneira a suprir necessidades de seus usuários na situação de uso, para ela trata-se de uma questão que gira entre o social e o histórico. A autora ressalta que

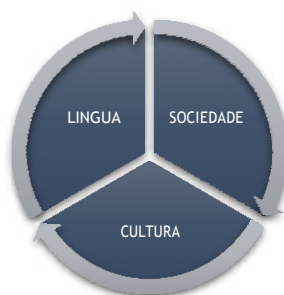
o desenvolvimento e a utilização da Internet acabaram produzindo, entre seus usuários, uma linguagem própria, repleta de termos típicos, ou seja, todo usuário, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu conteúdo e funcionamento. As expressões, no campo da lexicologia e da terminologia, ultrapassam o contexto cibernético e representam um fator concreto da globalização (GALLI, 2009, [s.p]).

As novas configurações de escrita, que surge com o intuito de neutralizar o gênero, ilustra o que a autora afirma, pois exige do usuário um grau de envolvimento e compreensão de todo o movimento que vai da esfera social para a linguística para que possa utiliza-la, levando em conta ainda que, até o presente momento, só foi observada na *internet*.

Para Pietroforte (2005), “o conjunto de relações que as unidades linguísticas mantêm entre si constitui uma forma” (PIETROFORTE, 2005, p.83), e esse emaranhado de relações é o que faz o fator social cada vez mais presente. Dessa maneira, a *internet*, como sendo um meio rápido e democrático para a aquisição de informação, no sentido de não distinguir para quem chega e como chega, por vezes realiza manobras sociais que acabam “subvertendo os movimentos e redefinindo as funções dos constituintes textuais clássicos” (KOCH, 2006, p.67).

A dinamicidade em conjunto com a interatividade que são proporcionadas pelas diversas comunidades *on-line* (doravante *CON*) acabam por contribuir, considerando os fatos até então expostos, para movimento cíclico que é estabelecido entre sociedade, cultura e língua, ao compreendermos esta última como um “indicador” de mudança social, como está ilustrado na figura a seguir:

**Figura 1:** Estabilização do movimento cíclico entre os três componentes



(Fonte: o autor, 2018)



Da maneira como está posto, as CON estariam presentes no meio social, usadas de maneira singular por uma parcela de seus usuários que, por sua vez, incidem sobre a língua a representatividade e visibilidade que almejam ter, e esta volta à sociedade para ser posta em pauta ou ser fixada ou não de acordo com seu uso, como vimos com Castilho (2016).

Prosseguindo nesse eixo, Galli (2009) aborda, em determinado ponto de seu estudo as “linguagens especiais”. Para a autora, cada linguagem se constitui e manifesta-se a partir de elementos linguísticos e extralinguísticos de diferentes tipos. Por conseguinte, acreditamos que isso, em alguns casos, é o que singulariza cada ocorrência, pois diverge da linguagem comum a toda a comunidade de usuários de um idioma.

As linguagens especiais são chamadas assim porque, em princípio, são usadas apenas por uma parte da comunidade linguística, apesar de poderem, posteriormente, serem utilizadas com frequência pelos demais componentes desta comunidade (GALLI, 2009, [s.p]).

Configurando-se uma categoria da linguagem, a autora nos chama a atenção para o fato do léxico da língua estar sempre em desenvolvimento e expansão, e isso se dá por meio dos neologismos, processo pelo qual se criam novas palavras. Valendo-se de Barbosa (1996), a autora diz que essas novas palavras se tratam de novas unidades que alcançam todos os níveis da língua, assim:

A criação de um novo signo (ou a sua recriação) acontece em virtude das necessidades de comunicação da sociedade ou de um novo contexto social. Essas criações podem ser objetos de aceitação ou rejeição, por parte da comunidade linguística [...]. Para Mopoho (1996), é surpreendente se constatar a presença de fenômenos que caracterizam a língua em geral, manifestados na língua de especialidade como, por exemplo, a criação lexical no discurso da internet. Nota-se a presença de um recurso sistemático, dado aos procedimentos da criação neológica que são a modificação do sentido de certas palavras (neologia de sentido) e a criação de formas novas (neologia de forma), obtidas por atos de composição e, sobretudo de empréstimo (GALLI, 2009, [s.p]).

Em face de tudo o que foi reunido, os estudos sobre a língua têm revelado ela como um elemento vivo, mutável e inconstante. As modernas construções e incorporações na língua são possíveis porque o léxico é, segundo a autora, um campo “aberto e limitado, passível de alterações de significado, empréstimos e criações de caráter neológico” (GALLI, 2009, [s.p]), que evidenciam avanços sociais e conquistas das pessoas. No âmbito da *internet*, essa criação passa por diversas etapas: criação, vulgarização, aceitação e banalização, não necessariamente nesta ordem. Por isso, a autora ainda elucida que ao considerar a linguagem da *internet* globalizada deve-se esclarecer a “necessidade de normalização da terminologia e o processo de banalização dos termos” (GALLI, 2009, [s.p]).

É importante salientar ainda que, nas atuais circunstâncias, as RSI permitem essa criação e recriação de maneira muito mais efetiva, pois a interação é constante, há uma facilidade maior de movimentos ganharem força, no sentido de uma identidade coletiva poder ser construída com pessoas de diversos lugares. É pertinente dizer, considerando a sensação de “pseudoanonimato<sup>4</sup>” e conseqüente sentimento de preservação de face ao tempo, que, paradoxalmente, escolhe mostrar-se para o mundo inteiro revelando algo íntimo que a sociedade julga como inaceitável.

Sendo assim, ao lançarmos nossos olhares sob a sociedade atual, veremos que ela mostra-se à cada dia mais diversificada, perceberemos também uma maior exposição por parte de seus constituintes dados os recursos tecnológicos atuais, aliados ao fato de estarmos vivendo quebras de paradigmas constantes. Os padrões começam a ser questionados, e grupos excluídos não aceitam mais tal posição, e todos os recursos possíveis para combater esta segregação serão usados, as mudanças na língua analisadas por nós são provas satisfatórias disso.

Corroborando para uma disseminação eficiente do fenômeno de neutralização de gênero para os mais diversos tipos de pessoas e contextos sociais, o ambiente virtual é talvez uma espécie de “divisor de águas” para que essas novas configurações linguísticas possam ganhar o espaço de visibilidade

---

<sup>4</sup> Anonimato diz respeito à ausência de identificação, porém sabe-se que na *internet* essa omissão é por vezes questionável, por isso escolhemos pelo uso do termo antecedido pela partícula “Pseudo” que indica essa inconsistência de ausência de identidade a internet.

cada dia maior nas mídias virtuais, pelo motivo de as comunidades digitais proporcionarem uma modelagem de um comportamento social que no mundo real seria praticamente impossível. Na *internet*, diferente disso, a diversidade e excentricidade andam de mãos dadas e possibilitam através de um anonimato questionável, como se sabe, a exposição completa por parte do usuário, mas com a sensação de preservação por não estar em uma situação social palpável, em que tal forma de se mostrar poderia culminar em algum tipo de violência física, por exemplo.

Tal raciocínio nos guia até a necessidade de se descrever processos que são significativos e estão em efetivo uso, como a neutralização de gênero, pois ilustra e nutre o raciocínio de que “não existe nenhuma língua no mundo que seja ‘uma’, uniforme e homogênea. O monolínguíssimo é ficção” (BAGNO, 2015, p. 27).

No sentido que se refere aos aspectos gramaticais e estruturais, no entanto, não estamos enfocados em aspectos morfossintáticos para nossa análise, mas sim apenas os morfológicos, pois apesar da língua também ter suas influências sobre o usuário em seu processo de criação identitária, nos propomos a ver como o fenômeno enxergado por nós pode ser resultado no movimento que é feito de fora para dentro da língua. Considerando que os fenômenos observados nas Comunidades On-line são mais acentuados em três classes de palavras distintas, o Capítulo 2, a seguir, promove uma revisão de cada uma, nas perspectivas tradicional e funcionalista, com o intuito de estabelecermos um paralelo com nossos dados mais adiante, no Capítulo de análise.

## **CAPÍTULO 2: REVISITANDO CONCEITOS GERAIS DE SUBSTANTIVOS, ADJETIVOS E PRONOMES**

O referido capítulo revisa aspectos característicos de cada classe gramatical de maneira separada, pois apesar da maioria delas estarem inclusas nos “nomes” possuem características distintivas entre si que as particularizam. Faremos um paralelo entre os estudos tradicionalistas e funcionalistas em cada uma delas. No primeiro tópico (2.1) estão descritas considerações ligadas à gênese substantival, e sua compreensão diante de seus referentes, seguido de um subtópico que trata exclusivamente do gênero dessa classe no ponto. Essas explicações são seguidas dos pontos das demais classes analisadas, Adjetivo (2.2) e Pronome (2.3) em que fazemos uma mais revisão geral, já que, considerando similaridades entre eles, muito da discussão do substantivo se aproveita nos demais. Por último, fazemos um esclarecimento necessário entre o sexo e o gênero gramatical, que é constantemente pivô de equívocos que dificultam sua dissociação.

### **2.1 O SUBSTANTIVO**

Na tradição escolar geralmente nos é ensinado de maneira sucinta que o substantivo é a classe de palavras que “dá nome aos seres: cientista, ciúme, pesquisador etc.”(FARACO e MOURA, 2002, p. 173) e, sem muitas dúvidas nesse quesito, nos são evidenciadas, além de suas classificações, as formas de “flexão” que subjazem essa classe, às quais a norma determina que sejam em número (singular/plural), grau (aumentativo/diminutivo) e gênero (masculino/feminino). Nesse sentido, os substantivos exercem um leque de funções, logicamente sintáticas, que fazem desta classe uma das mais extensas para o estudo.

Cunha (1986) é um bom exemplo para ilustrar isso, pois partindo de uma classificação muito semelhante a essa traz uma definição para a classe dos substantivos que, para ele: “É a palavra com que designamos ou nomeamos os

seres em geral” (CUNHA, 1986, p. 187). No que tange às classificações desta classe, o autor os divide em:

concretos; que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas. Ex: *mulher, galo, alface, rua, pena*; [...] Abstratos: *que designam ações, estados e qualidades, considerados como seres*. Ex: *alegria, devoção, pobreza, severidade* [...], Comuns: quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração. Ex: *mulher, continente, oceano, [...]*, Próprios: quando se aplica a determinado indivíduo de espécie. Ex: *Amélia, Ásia, Atlântico* [...], Coletivos que são substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie. Ex: *O povo brasileiro ansiava por vitória* (CUNHA, 1986, p. 187 - 188).

Após isso, o autor segue descrevendo os processos de flexão da classe que são: número, gênero e grau, fazendo ainda as descrições das funções sintáticas que ele pode exercer dentro de uma frase, oração ou período.

Longe da realidade genérica descrita acima, a qual nos é comum, Bagno (2011) realiza uma análise no surgimento da classe e, de maneira aprofundada, retomada a gênese substantival. Dessa forma, o autor evidencia a íntima relação que é estabelecida entre *substantivo* e *sujeito*, de maneira que se mostram ligados por seus fatores etimológicos tão estritamente que chegam a estabelecer uma relação sinonímica entre si. Isso se explica pelo fato de que no grego antigo, *substância* significa aquilo que “está por baixo”; o *sujeito*, por sua vez, é aquilo que “é lançado embaixo” o que subjaz. Dessa maneira, pode-se pensar que na prática isso se dá da mesma maneira. Nesse sentido, Castilho (2016) tece considerações que convergem com esse pensamento, de maneira a dizer que os substantivos se constituem como uma base, a parte que fundamenta o texto, já que não se pode construir um texto sem essa classe.

Inferimos, a partir das considerações desses autores, e de acordo com os pensamentos dos filósofos gregos revisitados por Bagno, que apesar das demais posições assumidas pelos substantivos, de acordo com a antiguidade grega, a de sujeito era a mais nobre delas. Isso se dá se entendermos que “o sujeito é portador da substância, daquilo que subjaz ao ser, que permanece sempre nele, do nascimento à morte” (BAGNO, 2011, p. 665), ou seja, independentemente de

qualquer outro fator, normativo por exemplo, a essência individual do ser é de relevância ímpar, e deve ser considerada.

Ao analisarmos em conjunto com esse autor a definição dada por Cunha aos substantivos, reconhece-se que ela decorre da mesma tradição filosófica na qual falamos, e se vale da noção de substância, podendo ser comprovada no uso da palavra “*ser*”. Contudo, Bagno (2011) baseado em suas pesquisas para descobrir o que vinha a se concretizar como um “*ser*”, pode-se concluir que “as respostas dadas em cada época pelas distintas escolas de pensamento são muitas e diversificadas, entre as quais até as que fazem conceitos de “*ser*” um sinônimo de nada” (BAGNO, 2011, p. 695). Consideradas breves as explicações que, teoricamente, subjazem a esse conceito de “*ser*”, Bagno ainda mostra que a definição de Cunha é “complicada”, pois se é problemático saber-se o que é “*ser*”, menos ainda se sabe o que são os “*seres em geral*”.

Por fim, e não menos problemático, se nos lembrarmos que os substantivos são nomes, a definição do autor se torna circular e nada define, uma vez que “substantivo (=nome) é a palavra com que [...] nomeamos os seres em geral”, ou seja: os nomes nomeiam. E continuamos sem saber o que são os substantivos (BAGNO, 2011, p. 695).

Justificando-se por ser uma definição de maior precisão para lidar com os substantivos, parte constituinte do sintagma nominal, o autor julga que é mais adequado entender os substantivos como as palavras que permitem fazer *referenciação* aos objetos do mundo real, mental e virtual. Complementando esse conceito, Ducrot/Todorov (1972/1998, s.v. referência; *apud* Castilho 2016) dirige-se à *referenciação* como sendo “a função pela qual o signo linguístico representa quaisquer entidades do mundo extralinguístico, reais ou imaginários (p. 126)”. Bagno está de total acordo com tal afirmação, como podemos constatar, quando o autor diz que “o substantivo é a palavra que nos permite fazer referência aos objetos do mundo real, do mundo virtual e do mundo mental (BAGNO, 2011, p. 695).

Valendo-se de autores da filosofia, como Frege (1891 a.C/1978), Castilho tece elucidacões para compreendermos que esse processo concretiza-se na distinção em *expressões referenciais*, entre seu sentido (modo de apresentação do objeto) e sua referência (*designatum*); e isso é ilustrado por meio da

veracidade ou falsidade, por exemplo do autor: “*A estrela da tarde é a estrela da manhã*”, nesse caso as duas expressões nominais (estrela) têm o mesmo referente, distinguindo-se pelo sentido, ou pela forma como são apresentadas. Assim, as contribuições mais acentuadas de Frege, segundo Castilho, foram no âmbito semântico ao “distinguir o sentido, que é a representação, de referência, que é a coisa” (CASTILHO, 2016, p. 127), incentivando a investigação de como se dá a representação das coisas.

Em outro momento, o autor evoca os estudos de Fauconnier, que levanta algumas questões sobre o tema no contexto de sua Teoria dos Espaços Mentais. Ela rejeita a ideia de que os “sentidos”, “conteúdos”, etc. estão codificados nas palavras ou sentenças, mas que são descritos como “construções de espaços, elementos, de papéis e de relações no interior desses espaços, a partir de índices gramaticais e pragmáticos” (CASTILHO, 2016, p.462) o que faz sentido, pois se pedirmos para diferentes pessoas pensarem em um lápis, por exemplo, é muito provável que cada uma pense em um referente com características destoantes uns dos outros, dependendo disso de muitos fatores de vivência.

Outro fator que também contribui para a construção desses espaços são as estruturas gramaticais, ao passo que eles se configuram como “as percepções evocadas diretamente por uma expressão linguística ou por uma situação pragmática” (CASTILHO, 2016, p.462), pois os conectores pragmáticos garantem a passagem do espaço verbalizado para o evocado. Dessa maneira, utilizando um exemplo do autor, a palavra *escritor* (*domínio da expressão*) evoca a noção de *livros* (*domínio da evocação pragmaticamente sustentado*) e permite construções do tipo:

“(16) *Platão está na prateleira da esquerda*

Isto é

(16a) *Os livros escritos por Platão estão na prateleira da esquerda*”

Assim, há um espaço mental evocado pela expressão verbal, que é gatilho para a inferência de um novo espaço mental, mediado por um conector pragmático, que é um conhecimento armazenado.

Dessa maneira, entender que os substantivos são palavras que referenciam seus objetos é mais pertinente do que quando eles são classificados

como “aqueles que nomeiam os seres, sentimentos, etc”, como nos é apresentado tradicionalmente. Isso se dá pois trata-se de um conceito que ultrapassa barreiras da redoma tradicionalista por ser mais completo e não tem o caráter circular ao qual Bagno observa. Não é de nosso interesse contribuir para o “cabo de guerra” que muitas vezes se estabelece quando falamos sobre um mesmo assunto sob pontos de vista diferentes, nesse caso o tradicional e o funcional, pois entendemos que ambas são contribuições e se ergueram com base em estudos pertinentes ao seu tempo. Nesse sentido, portanto, nos convém entender que, quando comparadas, as duas teorias apresentam diferenças sutis, no entanto, Bagno justifica que o uso mais adequado é o do substantivo como referência, esclarecendo que ela se faz “pela designação: substantivos são os nomes que damos aos objetos desses mundos (real, virtual e mental) para que possamos nos referir a eles”. Nesse caso, o novo não extingue o longo, mas o complementa mostrando-se mais pertinente.

### **2.1.1 GÊNERO FEMININO X GÊNERO MASCULINO: FLEXÃO OU DERIVAÇÃO?**

O processo que subjaz a mudança do gênero gramatical é pauta em várias discussões e isso não é um fato hodierno. Há os que classificam tal mudança como flexão, podendo ser elas de gênero, número e caso, assim como aqueles que não concordam com a maneira que isso é posto tradicionalmente e articulam em seus estudos pressupostos que justifiquem essa mudança como derivação, que podem se dar como primitivo ou derivado (DUARTE, 2008). Existem ainda autores que não classificam como um ou outro, mas veem a mudança como mais para flexão ou mais para a derivação. Nesse sentido, elenca-se a necessidade de que compreendamos os processos que formam os substantivos, tanto em seus aspectos formais, assim como nos pragmáticos

Uma vez expostos, os dois processos possuem características que os tornam únicos e Câmara Jr. (2015) as aborda. Segundo o autor, a terminologia “flexão” apareceu, primeiramente, como um termo gramatical a partir da tradução de *Biegung*, que para o alemão significaria flexão, curvatura, utilizado por Friedrich Schlegel em 1808, tentando demonstrar “que um vocábulo se dobra a



novos empregos”, Varrão (116 a.C. – 26 a.C.) chamava de *derivativo naturalis*. No caso da derivação, era o *derivativo voluntaria*, sendo este um processo classificado como desconexo e variado.

Sendo assim, percebemos que em algumas das gramáticas tradicionais não há nenhum esclarecimento acerca do processo de mudança de gênero ou número, inferimos que isso talvez ocorra porque na tradição “flexão” seja entendida muito mais em seu aspecto terminológico do que processual, pois sempre é usado para nomear essas mudanças, isso mostra uma despreocupação em procurar entender que elas podem ser resultado de um outro processamento, e são tratadas com essa terminologia. A comodidade, nesse caso, deixa lacunas em entender que derivação e flexão distinguem-se em sua execução. Gênero e número, por exemplo, são subtópicos que estão em itens sobre a “Flexão dos substantivos”, como constituintes destes, isso pode ser observado em Cunha (1986), mas alguns autores recusam-se em ir de encontro a isso e dizer que o processo não se trata de flexão

Isso se observa de maneira mais acentuada se nos detivermos à mudança de gênero gramatical, pois percebe-se que a tradição gramatical aborda a temática de maneira não tão aprofundada, limitando-se a afirmar que, na língua portuguesa, há dois tipos de gênero (Masculino e Feminino), que são obtidos através de um processo flexional.

No entanto, Margotti (2008), Aguiar (2006) e Silva (2004) nos fazem entender que se compreendermos o processo de mudança de gênero gramatical do substantivo como sendo derivacional, diferindo do que apontam os estudos tradicionalistas, a confusão feita ao relacionar sexo e gênero no substantivo seria desfeita, já que tal processo liga-se estritamente às oposições que o sexo proporciona, sendo uma classificação bastante cômoda. No entanto, nem todo o substantivo possui uma oposição feminina ou masculina, portanto, existe dificuldade em distinguir-se tecnicamente os dois processos.

Azeredo (2005) elenca alguns motivos para que entendamos o processo de mudança de gênero gramatical como sendo derivacional. O autor argumenta:

1 – O conceito de flexão é incompatível com a quantidade de ‘exceções’ observada na classe dos substantivos. Para muitos substantivos em ‘-o’ não existe contraparte feminina em uso (ex.:

mosquito, besouro, papagaio, lagarto (lagarta é um inseto), veado, camundongo); em outros pares de nomes, a fêmea é designada por meio de um lexema que nenhuma regra é capaz de produzir (ex.: homem / mulher, carneiro / ovelha, cavalo / égua, etc.).

2 – A flexão expressa a variação formal da mesma palavra (feito / feita / feios / feias, saber / sei / sabendo / soubesse, leão / leões). Coelho e coelha não são duas formas da mesma palavra, mas palavras lexicais distintas, que os dicionários registram separadamente. A atribuição de um gênero diferente a uma unidade lexical substantiva é uma forma de criar um novo substantivo, isto é, um processo de derivação.

3 – A criação e o emprego de certos nomes femininos (chefa, sargenta, presidenta), ou mesmo de certos nomes masculinos (borboleteo, formigo, pulgo, possíveis nas histórias infantis) são freqüentemente encarados como opções pessoais ou escolhas estilísticas dos falantes, o que não acontece quando estamos diante de uma flexão regular (AZEREDO, 2005, p. 4-5).

Bagno concorda e contribui com esse pensamento ao dizer que “A flexão do substantivo nos levaria a esperar que a formação dos femininos bastaria acrescentar um *a* ao radical de toda e qualquer palavra. Isso, porém, nem sempre acontece” (BAGNO, 2011, p. 687).

Câmara Jr. (2015) alimenta nossa discussão fazendo-nos uma diferenciação e, saindo um pouco desse caráter de convencimento, faz uma distinção válida para que tiremos nossas próprias conclusões. O autor retoma conceitos da tradição alemã que toma a flexão como um novo vocábulo que “se dobra” a novos empregos e os derivacionais criam novas palavras. Citando a tradição latina, o autor revisita as *derivativo voluntaria* e *derivativo naturalis*, de Varrão (116 a.C.-26 a.C.), sendo a primeira uma espécie de derivação responsável pela criação de novas palavras e a segunda como uma flexão que indica modalidades específicas de uma palavra.

Aprofundando nossa discussão, Botelho (2010) adentra em questões que envolvem o processo de transição do gênero gramatical. O autor afirma de maneira contundente que a flexão trata-se de um processo particular de poucos substantivos, configurando-se, dessa maneira, assistemático. O autor aponta que esse “problema da interpretação teórica (p.13)”, difundido tradicionalmente, por sinal, é um dos fatores preponderantes para uma apresentação problemática do gênero dos substantivos.

Dessa maneira, não adianta reduzir este processo a uma ou outra, pois não se trata de algo tão simples, e fazendo isso estaríamos contribuindo para a “leitura ingênua”, talvez simplista, de um assunto tão complexo. Nesse sentido o autor, ao passo que revisita a proposta de Câmara Jr, nos faz algumas elucidações acerca desta temática:

- 1) Nomes substantivos de gênero único: o carro, a casa, o algoz, a testemunha, o jacaré, a cobra;
- 2) Nomes de dois gêneros sem flexão redundante: o/a estudante, o/a artista, o/a mártir; e
- 3) Nomes substantivos de dois gêneros com flexão redundante: o lobo/a loba, o mestre/a mestra, o autor/a autora (BOTELHO, 2010, p. 14).

Como foi dito, segundo o autor, não é admissível que se trate um assunto tão complexo com a superficialidade com que geralmente se faz, pois é algo muito importante no sentido de não refletir compreensões equivocadas, o que são consequências de deixá-lo em uma redoma estrita, nesse caso, o da flexão. Outro fato inconveniente que alimenta essas discussões tradicionalistas é o que Botelho vai chamar de confusão entre o gênero nocional (sexo) e o gênero gramatical.

Distanciando dessa lógica de segregação, há autores que preferem não classificar o processo de mudança do gênero gramatical de forma categórica, envolvendo esse assunto em uma grandeza escalar em que algumas palavras estão mais para a flexão e outras mais para a derivação. Acreditamos que seja uma forma inovadora de compreender esses processos, pois quando se generaliza, muito se perde ou deixa de ser encaixado.

Gonçalves (2011), por exemplo, faz algumas comparações das operações formais desses “usos morfológicos”, valendo-se de Aronoff (1994), e concordado com ele, que são a flexão e derivação. Rocha (1998) reitera o posicionamento de Câmara Jr. empreende uma importante discussão entre os dois processos, uma diferenciação entre eles, bem como a caracterização de cada um. O autor esclarece que as fronteiras entre as regras de uma e outra não são tão nítidas e baseia-se nos seguintes princípios que os singularizam para defini-los: Na flexão; os morfemas flexionais apresentam-se de maneira regular e sistemática, são exigidos pela natureza da frase, e não dependem da vontade do falante para

serem usados. Portanto, trata-se de um processo regular, condicionante de concordância e não opcional. Por sua vez, na derivação os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática; não são exigidos na natureza da frase, e podem ser usados ou não, de acordo com a vontade do falante, ou seja, irregular, não condicionante de concordância e opcional. Conclui-se desta maneira, que um está em oposto ao outro. Vejamos como isso se dá por extenso no quadro comparativa feita por Câmara Jr revisitado por Rocha:

**Quadro 1:** Critérios distintivos de Mattoso Câmara Jr.

| FLEXÃO   | DERIVAÇÃO  |
|--|--|
| Regularidade: Os morfemas flexionais apresentam-se de maneira regular e sistemática            | Irregularidade: Os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática         |
| Concordância: Os morfemas flexionais são exigidos pela natureza da frase                       | Não-concordância: Os morfemas derivacionais não são exigidos pela natureza da frase                  |
| Não-opcionalidade: Os morfemas flexionais não dependem da vontade do falante para serem usados | Opcionalidade: Os morfemas derivacionais podem ser usados ou não, de acordo com a vontade do falante |

(Fonte: Câmara Jr. *apud* Rocha, 1998, p.194)

Como é notável cada característica se opõe categoricamente uma da outra, ao passo que são opostos, mostrando flexão e derivação totalmente destoantes entre si, ou seja, seguindo tal lógica, um dos processos é eliminado ao passo que se possibilita o outro.

Rocha (1998) defende, no entanto, que o gênero atenderia tanto aos critérios de flexão quanto de derivação. Quanto ao critério *regularidade*, por exemplo, em pesquisa anterior (ROCHA, 1981), o estudioso constatou que apenas 4,5% dos substantivos em português se referem a seres sexuados. Mesmo assim, nem todos recebem marca morfológica de gênero. Temos, como exemplos, criança, cônjuge, homem, jacaré, etc. A quase totalidade dos substantivos em português não apresenta uma marca morfológica de gênero, ou seja, a quase totalidade pertence a um gênero único, que é assinalado através de expediente sintático. Desse modo, quanto ao critério *regularidade*, o gênero seria derivação e não flexão. Já no critério *concordância*, o gênero seria

considerado flexão, uma vez que é exigido pela natureza da frase, mas também atende ao que Rocha (1998) chama de concordância ideológica de situação. Por exemplo, na frase “As alunas chegaram atrasadas na última aula” foi a situação – e não a natureza da frase – que exigiu a escolha da forma feminina, em negação à inclusão “dos meninos” nesse episódio. Por fim, quanto ao critério *opcionalidade*, o gênero seria considerado flexão, já que é exigido tanto pela natureza da frase, quanto pela situação linguística em questão (BERNARDO, 2013).

Desse modo, em concordância entre si, Rocha (1998), Gonçalves (2011) e Bybee, consideram que a diferença entre as duas morfologias se encontra no grau, assim a oposição entre elas é gradiente, um processo de natureza contínua e escalar e um processo morfológico único. Diante disso, a análise de nossos dados está de acordo com os critérios de distinção contidos no Quadro 1.

## 2.2 O ADJETIVO

A tradição gramatical define esta classe como: “a espécie de palavra que serve para caracterizar os seres ou os objetos nomeados pelos substantivos (a. uma qualidade ou defeito: *moca gentil*; b. O modo de ser: *pessoa hábil*; c. O aspecto da aparência: *jardim florido*; d. O estado: *criança enferma*.)” (CUNHA, 1986. p. 251). Pode ainda estabelecer uma relação que denote tempo, espaço, etc. sendo classificado também como *termo determinante* em relação ao substantivo. Dessa forma obedecem a critérios sintáticos e funcionais em sua hierarquia sintática (CUNHA, 1986). Comportam-se morfologicamente como alvo da referenciação para substantivos e se subclassificam em: adjetivos pátrios/compostos; flexionam-se em número (em que adjetivos simples seguem a regras do substantivo) e gênero que, segundo o autor, esse “é o único traço que [...] singulariza o adjetivo como uma parte da oração é o de poder a apresentar duas terminações de gênero” (CUNHA, 1986. p. 255) sendo suas especificações de mudança biformes ou ainda uniformes. No que diz respeito ao grau, o adjetivo apresenta: comparativo, superlativos, absoluto sintético, comparativos e superlativos análogos (CUNHA, 1986).

Ao topicalizar substantivos e adjetivos junto em sua gramática, Bagno (2011) afirma que ambas as classes são muito semelhantes em diversos aspectos e os coloca na mesma classe – a dos nomes – como faziam os gregos, no entanto, também podem ser destoantes em alguns aspectos, dessa forma estão “unidos, mas separados” segundo o autor. Para fazer tal distinção e ainda manter sua afirmação acerca das semelhanças partilhadas pelas classes, Bagno traça as seguintes propriedades morfossintáticas para elas:

1. Exibe marcas de gênero e número; 2. Tem gênero com propriedade inerente, não flexional; 3. pode exibir marcas de gradação; 4. Aceita o sufixo -vel para expressão de potencialidade; 5. Aceita o sufixo -mente para expressão de modo; 6. Aceita o sufixo -oso para expressão de quantificação e intensidade; 7. Aceita os sufixos -ês, -ense na formação de gentílicos; 8. Pode ser modificado como advérbio; 9. Exerce função predicativa em minissentença (BAGNO, 2011, p. 677).

Ao fazer isso, apesar de ter chegado à conclusão de que ambas as classes estão contidas nos “nomes”, percebe-se que o adjetivo apresenta propriedades morfossintáticas que não estão presentes no substantivos, na verdade, o único fator em que eles são congruentes em totalidade é no item 1 que corresponde às marcas de gênero e número, nesse quesito essas marcas ocorrem no adjetivo quando concordam com o substantivo: homem bonito, mulher bonita, homens bonitos, mulheres bonitas. Pode-se perceber, portanto, que o gênero e o número do adjetivo são dependentes do gênero e número do substantivo (BAGNO, 2011)

Assim, da mesma maneira que defende ser arbitrária a atribuição do gênero gramatical no substantivo, no adjetivo não é diferente.

A concordância do adjetivo com o substantivo é mais um exemplo da redundância da gramática. Por isso, com o passar do tempo, nas línguas que apresentam adjetivos propriamente ditos, as marcas de gênero e número podem vir a desaparecer. Não é de se admirar: afinal, o adjetivo expressa primordialmente a qualidade, e a qualidade é uma propriedade em si mesma: uma gata preta e um gato preto apresentam a mesma “pretura”, não existe uma qualidade de preto específica para os seres femininos e para os seres masculinos [...] um pensamento sombrio e uma ideia sombria são igualmente sombrios (BAGNO, 2011, p. 678).

A redundância da gramática é incontestável, no entanto, ao passo que conhecemos a força desses termos “generificados”, acreditamos ser um pensamento utópico do autor, quando o mesmo diz que as marmas de gênero e número podem deixar de existir, a retomada do gênero neutro nas ocorrências colhidas por nós evidencia esse pensamento.

Embora sempre focalizemos mais nos adjetivos de forma binária, há também aqueles que possuem a mesma forma para masculino e feminino (Ex: casa/ computador grande). Para Bagno (2011) a ausência da marca morfológica de gênero não altera ou dificulta a compreensão do enunciado.

Trabalhando com o PB as palavras de Castilho (2016) são semelhantes às de Bagno, que também o descreve, o autor diz que no que se refere a número e gênero eles estão em boa sincronia. Contudo, não podemos dizer o mesmo quanto ao grau expressa por sufixos produtivos, por especificadores ou complementadores.

Na Gramática de Usos, escrita por Neves (2000), os adjetivos podem ser classificados de maneira que “são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um substantivo” (NEVES, 2000, p. 173). Para a autora há duas maneiras para essa atribuição:

1- Quantificando:

*Lembro-me de alguns, Dr. Cincinato Richter, homem GRANDE, GENTIL, e SORRIDENTE, Que as vezes trazia seu filhinho Roberto e a esposa, moça BONITA e SIMPÁTICA. (ANA)*

2- Subcategorizando:

*Foi providenciada perícia MÉDICA e estudo PSICOLÓGICO (ESP)*

Os exemplos distinguem-se ao passo que a quantificação caracteriza-se pelo fato de adjetivos de mesmo campo de significado serem usados para enfatizar determinadas características. A subcategorização, como pode-se ver, parte de uma esfera mais geral para uma mais específica, em que essas últimas são subcategorias das primeiras.

Após fazer a subclassificação destes em “Simples e Perifrásicos”, a autora volta ao processo de adjetivação por parte de substantivos, que podem funcionar como adjetivo em que “ele pode atribuir ao conjunto de propriedades que indica, como se fosse uma única propriedade, a um outro substantivo, isto é, atuar como qualificador ou como classificador” (NEVES, 2000, p. 175), recorrentes em função predicativa, mostrando assim uma maleabilidade na classe.

*Romãozinho, que era assim chamado por ser pequeno: era MENINO; e malévolo. (LOB)*

Bem como faz no Substantivo, o gênero do Adjetivo também está posto em apêndice, e estão classificados em Uniformes e Biformes, assim como outros autores o fazem.

### 2.3 O PRONOME

Os estudos tradicionalistas da gramática de Cunha (1986, p.277) classificam o pronome de acordo com sua função na frase na posição de um nome (substantivo/adjetivo), classificando em:

Pronomes Substantivos:

*“Invejava os homens e copiava-os” (M. Assis. OC. II 520)*

Pronomes Adjetivos:

*“Vi terras da minha terra*

*Por outras terras andei*

*Mas o que ficou marcado*

*No meu olhar fatigado*

*Fora terras que inventei” (M. Bandeira, PP, I,308.)*

Podemos ver que os papéis desempenhados são distintos, pois, ao passo que os primeiros geralmente aparecem isolados na frase funcionando como substantivos, os segundos estão, na maioria das vezes, sempre acompanhados de um substantivo e com estes concordam em número e gênero e funcionam como adjetivos.



A autor destaca ainda as “espécies” às quais os pronomes pertencem, sendo eles: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. Fazendo uma longa e exaustiva revisão acerca de seus empregos Cunha (1986) não trata especificamente da mudança de número e gênero gramatical na classe, mas de maneira muito sucinta e natural na progressão de suas explicações fala em um momento que, em relação à concordância, o pronome possessivo “concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e, em pessoa, com o possuidor do objeto em causa” (CUNHA, 1986, p. 277). Outros resquícios de gênero e número são encontrados nos pronomes interrogativos, que seguem o mesmo processo de substantivos e adjetivos biformes “nos interrogativos *que* e *quem* são invariáveis. *Qual* flexiona-se em número (qual-quais; *quanto* em gênero e número (quanto-quanta-quantos-quantas” (CUNHA, 1986, p.343).

Alguns autores funcionalistas, por sua vez, classificam os pronomes como aqueles que são usados para “denominar no lugar do nome, já que se usam quando o nome não pode ser empregado, ou quando, dito uma vez, não pode voltar a ser repetido” (DISCOLO, séc. I d.C./1987: 163 *apud* CASTILHO, 2016. p. 473), podendo ser usado de forma dêitica<sup>5</sup>, quando nas 1ª e 2ª pessoa que não flexionam em gênero e número, ou anafórica quando na 3ª pessoa e flexiona-se em gênero e número.

Ao ter como característica o poder de retomada, os pronomes são encarados não como uma classe, mas como uma função que diversas classes podem exercer, ao passo que “não só empreendem a retomada anafórica, mas também funcionam como determinante” (BAGNO, 2011, p.462).

Interpretamos de acordo com Castilho (2016), no que se refere à determinação de gênero, que utiliza as considerações descritivas e funcionais evidenciando a importância que os “especificadores” têm nessa esfera de sentido. Segundo o que é dito pelo autor, os especificadores seguem dois vieses: Pelo gramatical e o semântico. O primeiro está atrelado à responsabilidade de combinarem com o sintagma nominal em diferentes posições dentro da frase. No segundo, os especificadores possuem três núcleos; 1. A determinação

---

<sup>5</sup> Dêixis é a particularidade que concede às palavras a possibilidade de remeter ao que está fora do texto. A anáfora emprega-se quando se quer retomar a algo dentro do texto. (CASTILHO, 2016; BAGNO, 2011).

(definido ou indefinido); 2. Quantificadores e 3. Qualificadores, ou seja, podemos perceber que os especificadores (determinantes) exercem, muitas vezes, papel fundamental em relação a estipulação do gênero.

Bagno (2011), por sua vez, lançando seu olhar para os pronomes, chamados por ele, “quantificadores indefinidos” os classifica como heterogêneos e bastante diversificada do ponto de vista como flexionar-se em gênero e número e traços semânticos diversos (Ex: *Algum, certo, todos*) e admitem a expressão de gradação (Ex: *tudinho*).

O gênero gramatical é comumente associado ao sexo de seus referentes. Tal equívoco provoca confusão em aspectos distintos e, dessa forma, é necessário elucidar a diferenciação entre os dois como veremos no tópico a seguir.

## **2.4 SEXO E GÊNERO GRAMATICAL: UMA DIFERENCIAÇÃO NECESSÁRIA**

A mudança do gênero gramatical está fadada a uma associação direta com aquilo que conhecemos por “macho/fêmea” dados os fatores sociais já abordados. Ao adaptarmos o esquema sinótico sugerido por Margotti (2008) segundo essa mudança: <Flexão de nomes e pronomes → de gênero → Masculino/Feminino> podemos perceber que tanto as classes dos nomes quanto pronomes podem sofrer um processo de mudança gramatical de gênero (ou número). Assim, as classes revisitadas por nós, Substantivos, Adjetivos e Pronomes, sofrem o processo de mudança de gênero gramatical de masculino para feminino sob a intenção de distinguir o ser macho do ser fêmea.

Para a tradição, a formação do feminino na subclasse “*animados/inanimados*”, por exemplo, é uma característica dos substantivos que designam pessoas ou animais, ou seja, é feita uma interligação entre o gramatical e o biológico, fazendo disso um fator preponderante para a mudança de gênero de masculino para feminino, o que culmina, muitas vezes, em uma confusão explícita e difundida entre o sexo biológico e a categoria gramatical (CUNHA, 1986).

Tal argumento, no entanto, é rapidamente refutado por Marcos Bagno ao passo que o autor recupera os resultados de pesquisa de Rocha (1981) elucidada que “os substantivos que designam seres biologicamente sexuados compõem uma minoria ínfima do léxico da língua (4,5%)” (BAGNO, 2016, p. 689).

Apoiando essa discussão, em seu artigo que trata justamente do gênero substantival, Aguiar (2006) empenha-se em tentar desfazer a íntima relação que é estabelecida entre sexo e gênero, argumentando que nem todos os substantivos da classe possuem um referente sexuado. Sendo assim, as regras designadas por Cunha (1986) para verificar as formas de feminino não abarcam a totalidade da classe, configurando-se insuficientes.

O gênero gramatical é inerente ao substantivo, propriedade intrínseca, exclusiva desta classe, e isto não tem a ver com o sexo de seus referentes. Uma boa ilustração disso é que não há recursos morfológicos no seguimento que vimos até agora, que justifiquem, por exemplo, que as palavras *pé*, *leite*, *luz* etc. sejam pertencentes à categoria masculina ou feminina. Por isso, infere-se que o gênero do substantivo está relacionado à entidade linguística constituindo-se parte da própria palavra. Tendo isso bem claro, é primordial reconhecer que “as palavras não têm sexo, elas têm gênero gramatical, e é por mero capricho da sorte que, na nossa língua, a divisão se faz entre masculinos e femininas” (BAGNO, 2011, p.688). Mas, como podemos evidenciar, a tradição social não pensa da mesma forma.

Por sua vez, a formação do feminino no adjetivo para Neves (2000) difere um pouco do que estamos falando aqui, pois a autora coloca-se contra as novas formas de designação de gênero, para ela esta classe apresenta-se de maneira uniforme e biforme, para “acompanhar os substantivos masculinos e femininos” (NEVES, 2000, p.223), não possuindo, no entanto, o reduzido leque de terminações dessa classe. Sendo assim, o gênero nessa classe é igualmente arbitrário.

Não obstante, Margotti (2008) vai exemplificar da seguinte maneira que os pronomes sofrem flexão de gênero: “eu → ela, teu → tua, nosso → nossa”, ou seja, de acordo com a elisão da vogal temática vocálica e alternância redundante e alomorfia de raiz. Os processos, obviamente, destoam de acordo com cada classe, mas o princípio que os move é o mesmo: o fato de o uso ter

fixado duas categorias de gênero gramatical baseado na dualidade macho/fêmea que se encontra na sociedade.

Ilustrando as ideias supracitadas, Lopes (2003) em sua obra *Lições de morfologia da língua portuguesa*, aborda essa correlação que em grande parte das vezes é feita entre sexo e gênero, e como um fator explícito da inconsistência do gênero gramatical. Para o autor

Tal equívoco se explica por não se ter percebido que o sexo é um conceito biológico e que à gramática interessa apenas o gênero gramatical, que não se define por características semânticas mas formais, razão pela qual as correspondências nem sempre ocorrem, a exemplo de *mulherão*, um vocábulo no masculino gramaticalmente falando, mas que se refere a um ser do sexo feminino (LOPES, 2003, p. 77-78).

Entende-se dessa maneira que o gênero das classes de palavras em questão não possui fundamentos racionais, mas que foram simplesmente fixados de acordo com o uso no decorrer dos tempos. Tal categoria mostra-se ainda mais fragilizada nesse campo quando comparamos umas línguas com as outras, como faz Bagno (2011). Segundo o autor, por exemplo, há línguas como o alemão, em que substantivos comuns a nós possuem gêneros destoantes dos daqui, como é o caso de *Sol* e *Lua*, que são, respectivamente, feminino e masculino, nesse idioma.

Analogamente ao que foi descrito, Silva e Koch (2012) também argumentam contra a associação íntima que geralmente é feita entre a flexão de gênero e o sexo dos seres. No decorrer das tessituras das autoras, percebemos que muito do que aqui abordamos também é abarcado por elas, no entanto, também inovam fomentando ainda mais essa diferenciação que é essencial para compreendermos outros processos dentro da classe. As autoras dizem não há necessariamente uma ligação entre os conceitos, visto que “mesmo em substantivos referentes a animais e pessoas há algumas vezes discrepância entre sexo e gênero” (Silva e Koch, 2012, p.65), como é o caso de *a testemunha/ a cobra* são sempre femininos e *o cônjuge/ o tigre, serão masculinos* mesmo que seus referentes sejam pertencentes a sexo feminino ou masculino, acentuando mais uma vez a arbitrariedade do gênero do substantivo, assim como faz Bagno (2011). Nesses casos as autoras ressaltam a importância dos determinantes que

se tornam um fator preponderante para a distinção de gênero (o/a estudante - exemplo das autoras).

No processo de mudança de gênero gramatical, outro fator preponderante que colabora para essa associação sexo/gênero é devido à consideração feita pela análise tradicional que comumente considera –a e –o como marcadores de gênero feminino e masculino, respectivamente.

Agindo de maneira a desmistificar a inconsistente afirmação da tradição, Câmara Jr. (2015) nos elucida que os nomes

estão quase exclusivamente distribuídos nos dois temas em -o e em -e, e os de tema em -e (concretamente em -e, como em *grande*, ou teoricamente em -e, como feliz, a rigor\* *felize*, como indica o plural *felizes*) não apresentam flexão de feminino, em face de um feminino em -a para os de tema em -o; ex.: homem corajoso, mulher corajosa, homem grande, mulher grande. Já os nomes, que são essencialmente substantivos, podem as vezes possuir um feminino em -a, mesmo quando são de tema -e (ex.: mestre-mestra, autor-autora) ou temáticos (ex.: peru-perua). Essa diferença fica bem nítida nos nomes desufixo derivacional -ês, teoricamente [...] quando tanto servem para substantivos quanto para adjetivos (português- portuguesa. Substantivo. “habitante de Portugal”); [...] (CÂMARA JR. 2015, p.87-88).

Dito isso, é necessário compreender-se que a vogal temática de substantivos terminados em -a e -o átonos, ao contrário do que nos direciona Cunha (1986), e alguns fatores sociais, não se constituem marca de gênero, portanto, não deve ser confundida com o sufixo –a, que se comporta como marca de feminino, e que implica o gênero, ou seja, a distinção que deve ser feita é que “o substantivo apresenta um gênero próprio, imanente, não marcado, que obriga os determinantes presentes na frase, a concordarem com ele” (AGUIAR, 2006, p.5).

Apoiando-se de maneira muito pertinente nas afirmações de Castelar de Carvalho, Silva (2004) vale-se das tessituras do autor para explicar tal fenômeno, explicando que o –a, presente no final de palavras como: *caneta*, *sacola*, *etc.* constitui-se como vogal temática (morfe zero), não uma desinência indicadora de gênero, explicando que o uso do zero deve limitar-se à ausência de morfe, mas jamais na inexistência do morfema.

De acordo com esses autores, entendemos que o mesmo ocorre com substantivos que terminam em –o, pois ao contrário do que a gramática afirma,

ele não é uma marca de masculino, mas sim uma ausência do feminino. Portanto, a marca de seu morfema gramatical é zero. Bassetto (2013) diz que essa herança está associada com a expansão do latim vulgar, que teve sua gênese no ceio popular, e junto com as demais mudanças que toda língua sofre no decorrer dos tempos,

houve a queda do gênero neutro (as marcas desse gênero ainda podem ser vistas em alguns pronomes atuais como *tudo, algo, isto isso aquilo*) e houve também a necessidade de distribuir os gêneros neutros latinos com os dois gêneros que ficaram, [...].

Muitos nomes neutros, porém, acabaram sendo absorvidos pelo masculino (*templum, i*) [...] (BASSETTO, 2013, p.87).

Criou-se tradicionalmente uma associação arbitrária e sem justificativa científica, cuja fixação foi dada pelo uso e a normatização pela tradição gramatical, de que -a e -o constituem-se como o oposto um do outro, assim como, analogicamente, as cores rosa e o azul deixaram de ser apenas cores para se tornarem ferrenha, e exclusivamente, representações clássicas de meninas e meninos, nessa ordem. Constatamos de acordo com esses autores que os critérios de mudança estão muito mais arraigados a fatores sociais do que gramaticais, que fazem essa associação restritiva entre macho/fêmea, masculino/ feminino, se perpetuar durante muito tempo.

Sendo assim, buscando não contribuir com a disseminação dessa confusão, adotamos nessa pesquisa a terminologia “agênero” para nos referir as desinências de neutralização.

## CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

Este capítulo ajudará o leitor em uma melhor compreensão de como se construiu esta pesquisa. Foram desenvolvidas atividades específicas para nosso objeto de análise, tendo em vista o ambiente de onde foi retirado. A seguir, descrevemos detalhadamente como isto foi feito.

### 3.1 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA

O presente trabalho vincula-se a uma perspectiva de pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-interpretativista e de âmbito Netnográfico, já que se constrói com base em observações de comportamentos linguísticos de fundo social observados no âmbito de comunidades<sup>6</sup> *on-line* digitais.

Criada inicialmente como uma ferramenta do *marketing* e do consumo, a pesquisa de caráter Netnográfico foi reconhecida como uma ferramenta de grande potencial para a exploração e descrição de determinados comportamentos sociais, como é feito na pesquisa Etnográfica desenvolvida pelos estudos antropológicos para conhecer e descrever costumes e tradições de um grupo humano, só que com um diferencial: enfocada totalmente para o contexto da *internet*. Nela podem ser explorados os ecos de comportamentos nas tribos virtuais em que pessoas de diferentes esferas sociais estão juntas em certo nivelamento de igualdade entre si. Assim, a pesquisa Netnográfica é uma “forma especializada de Etnografia adaptada às condições específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores” (KOZINETS, 2014, p.10).

Totalmente incorporada à rotina de grande parte da população mundial, a *internet* ganha a cada dia mais espaço na vida das pessoas que, por sua vez, “voltam-se às redes de computador para participar de fontes de cultura e obter um senso de comunidade” (KOZINETS, 2014, p. 15). A internet torna-se, dessa forma, fonte rica de dados de mudanças de comportamentos sociais que proporcionam essas etnografias de culturas ou comunidades *on-line*. Apesar de

---

<sup>6</sup> “Estudos sobre a mudança no uso da linguagem [...], seriam, mais uma vez, pesquisa em ‘comunidades *on-line*’ (KOZINETS, 2014, p. 65).

muitas vezes ter-se o pensamento de que esses ambientes são, em sua maioria, impessoais ou frios, ou insociáveis, a observação aprofundada desses ambientes nos faz compreender que cultura e tecnologia estão a cada dia mais interligadas se (co)construindo e (co)determinando (KOZINETS, 2014). Vamos ver, no tópico seguinte, como foi feita a coleta de nosso *corpus* geral e como o leitor o encontrará em nossa análise.

### 3.2 COLETA DE DADOS

A pesquisa Netnográfica pode assumir algumas diferentes formas em relação à coleta de dados. No caso desta pesquisa, os dados foram “gerados pela captura e registro de eventos e interações comunitárias *on-line*” (KOZINETS, 2014, p.25), usando o método de *levantamento on-line* com base nas perguntas que movem nossa pesquisa.

Isso se explica pelo fato de que

Levantamentos sobre o universo da cultura e das comunidades *online* fornecem respostas como adoção, padrões de uso, preferências de uso e dados demográficos [...], aprender o modo peculiar com que a linguagem e as práticas são usadas para manifestar cultura, exibir uma compreensão complexa e sutil de um fenômeno, cultura ou comunidade (KOZINETS, 2014, p. 48-49).

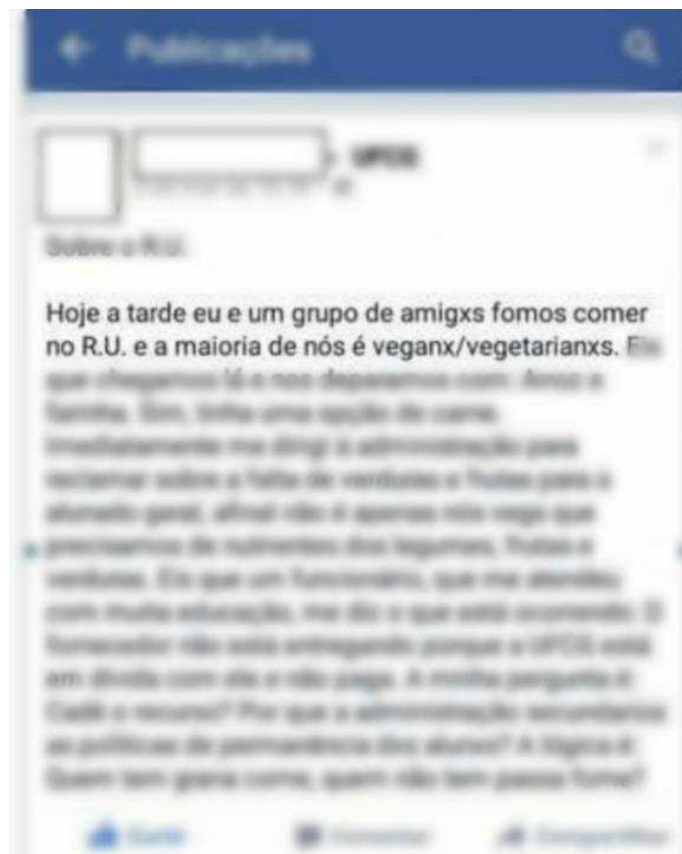
Os dados precursores de nossa pesquisa foram retirados de inúmeros ambientes digitais em que observamos a incidência do fenômeno da tentativa de neutralização de gênero, entre os quais podemos citar as mais conhecidas redes sociais de interação, como: *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*; bem como outras comunidades digitais como: e-mail, YouTube, Páginas oficiais de congressos, etc. A coleta de dados foi feita entre os anos de 2015, momento em que houve o primeiro contato com o fenômeno, 2017 e 2018, que foram anos de efetiva coleta desses usos. Vale ressaltar ainda que o ano de 2016 não está incluso, pelo fato de a referida pesquisa só ter engrenado nos dois últimos anos.

É necessário esclarecer, porém, que trabalharemos com a transcrição, e não com a exposição literal do próprio *Print*, com base na justificativa de que um dos princípios da pesquisa netnográfica, de que estas comunidades e/ou



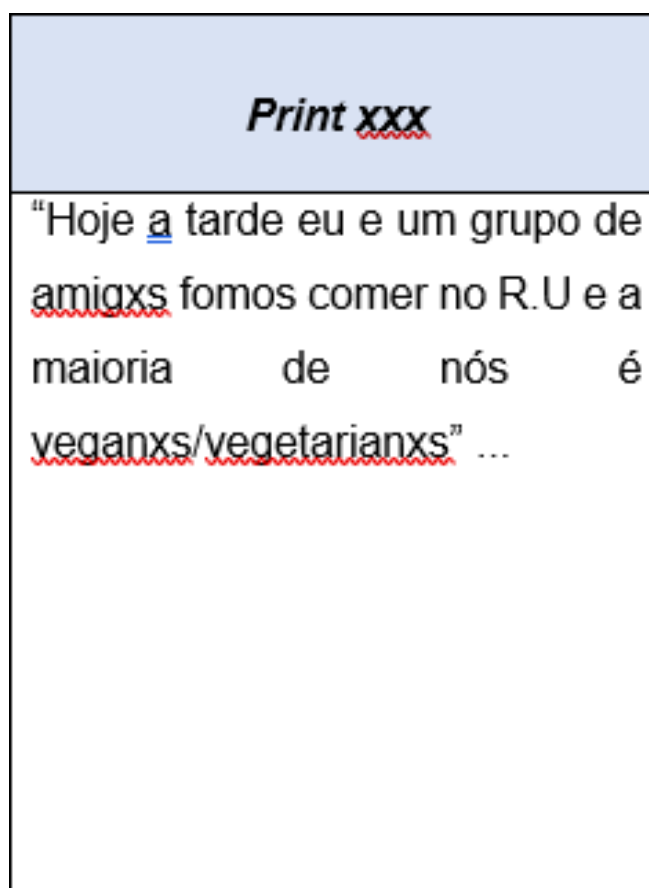
corporações possuem propriedade sobre direitos autorais dessas redes, configurações como: *design*, fontes, etc. estão totalmente reservados, sendo apenas “emprestados” ao usuário, mas o mesmo não possui direito de usa-los para fins próprios ou de terceiros. Para tornar essa explicação mais didática, vejamos o exemplo a seguir, uma figura parcial de como é o *Print* literalmente e como o leitor o encontrará em nessa pesquisa:

**Figura 2:** O Print como é retirado da internet



(Fonte: Facebook, 2015)

**Figura 3:** O Print como está nesta pesquisa



(Fonte: o autor, 2018)

Como se pode notar, dados que possibilitam a identidade de quem usa os recursos da neutralização serão preservadas por nós (como: nome do usuário na referida rede social, instituição, programas institucionais, etc.), por questões éticas. No tópico a seguir, passamos a descrever o processo de construção das categorias de análise.

### **3.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE**

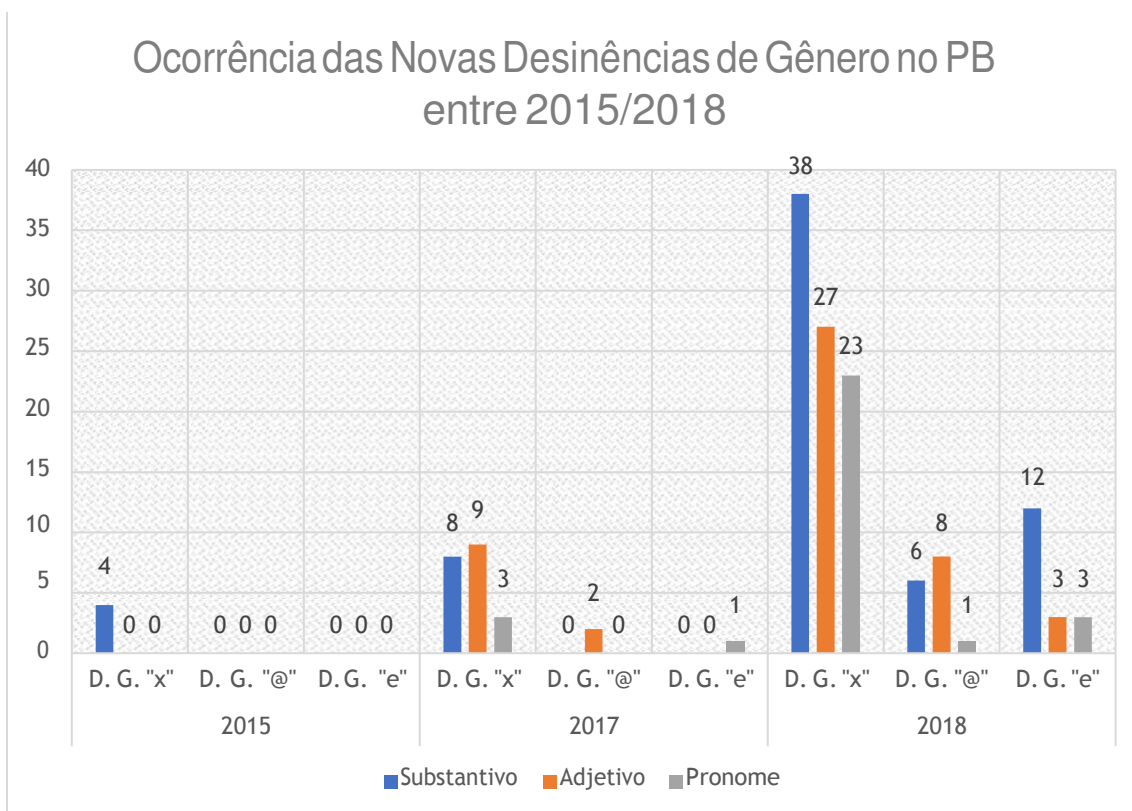
Inicialmente preestabelecemos nossos estudos apenas na classe dos substantivos, no entanto, em virtude dos resultados das ocorrências, vimos que seria mais pertinente acrescentarmos mais duas categorias (adjetivo e pronome). Tais categorias de análise foram estabelecidas com base em resultados preliminares que indicavam que essas ocorrências incidiam

substancialmente no campo morfológico dessas três classes de palavras - Substantivo, Adjetivo e Pronome.

Dessa forma, sabendo que estamos impossibilitados de reproduzir literalmente aqui todos os *prints* que embasam nossa análise por motivos éticos de nossa pesquisa, organizamos as ocorrências em uma linha do tempo, proporcionando ao leitor uma experiência suficiente, talvez não completa (pois falta o fator contexto), para o que nos propomos a analisar, e para que o leitor tenha um panorama mais preciso e detalhado acerca do uso dessas novas desinências “agênero”.

Busca-se ainda ampliar a compreensão do leitor ao fazer uma exposição quantitativa dos usos dessas novas desinências. Nesse sentido, o gráfico abaixo mostra, em uma linha do tempo, como está se dando a incidência de aparições dessa nova configuração ao decorrer dos anos:

**Gráfico 1:** Relação entre classe gramatical e desinência de neutralização de gênero no tempo



Fonte: O autor (2018)

A partir do Gráfico 1, pode-se perceber que no ano de 2015 detectamos, em nossos dados coletados, apenas 4 (quatro) ocorrências da neutralização de gênero na classe de substantivo, a partir da desinência “x”. Esse número, com a mesma desinência, é duplicado em 2017 e, considerando que se passou apenas metade do corrente ano, esse número cresceu, de maneira considerável em 2018. A desinência “x” pode ser considerada, portanto, como a desinência “agênero” pioneira nesse processo, se considerarmos que as demais não foram vistas naquele mesmo ano.

Pode-se perceber, ainda, que em 2017 o uso se amplia por entre as outras classes, e o movimento de uso ganha uma força constatável e inegável no último ano, fazendo com que a neutralização, pioneira no substantivo, também comece a ser vista nas classes de adjetivo e pronome. As desinências agora não se resumem apenas ao “x”, mas também em “@” e “e”.

Na classe dos adjetivos, a neutralização se inicia no ano de 2017, e o “x”, que já era usado com tal função, continua forte, mas abre espaço para o “@” o “e”. As ocorrências nessa classe em relação às outras, no entanto, continua no papel de coadjuvante até o ano de 2018, quando notamos o começo de seu uso com as três desinências simultaneamente.

Por último, os pronomes, que começam a receber tais desinências em 2017 e, ao que tudo indica, começam a sofrer as mesmas alterações dos adjetivos, mas de maneira mais acentuada, pois pode-se perceber que eles possuem ocorrências de todas as desinências já neste ano, apresentando um crescimento posteriormente em 2018.

É possível perceber que se trata efetivamente de um processo progressivo e de quantitativo crescente, mas pouco se pode dizer ainda de sua regularidade. De acordo com a cronológica, portanto, pode-se dizer que essas novas desinências vêm ganhando espaço e adeptos a cada publicação ou compartilhamento, pelos usuários que “curtem” essa nova maneira de se referir às pessoas.

Nesse sentido, sabendo que não é possível analisar separadamente todas as ocorrências que constituem o nosso *corpus*, foi feita uma escola de alguns *prints* para serem analisados nessa pesquisa. Sendo assim, a seleção dos 23 (vinte e três) analisados nessa pesquisa foi feita com base nos seguintes critérios:

1. maior número de ocorrência das desinências em um único exemplo;
2. papéis sociais distintos dos falantes;
3. contextos de uso e variedades linguísticas mais formais e menos formais;
4. respeito às regras morfossintáticas de concordância do Português Brasileiro;
5. desrespeito as essas mesmas regras, ausência de padronização no uso da desinência.

Dados tais critérios, é necessário entender que “1” se refere a questões de quantidade, com “2” nos atentamos para as pessoas de diferentes contextos sociais que fizeram uso da neutralização, “3” diz respeito aos diversos contextos sociais, entendendo sua importância para alcançar pessoas diversas, “4” e “5”, por sua vez, nos fazem atentar para ocorrências que espelham-se nas regras já conhecidas do PB que o organiza.

Dessa forma, todos os pressupostos que nos guiaram até o presente momento são de grande valia para nos ajudar a compreender os motivos pelos quais essas novas desinências de gênero surgiram e estão em crescente uso. No Capítulo de análise, a seguir, passamos a observar, mais profundamente, como se dá a neutralização de gênero nas comunidades *on-line* de acordo com nosso *corpus* de análise.

## CAPÍTULO 4: REFLEXÃO SOBRE NOVAS DESINÊNCIAS DE GÊNERO (D.G): CONHECER PARA COMPREENDER

Este capítulo de análise encontra-se organizado em seções correspondentes às três classes de palavras – substantivo, adjetivo e pronome –, selecionadas para observação do fenômeno da neutralização de gênero, a partir das três desinências (“x”, “@” e “e”), conforme a tabela 1:

**Tabela 1** - Modo de organização das seções de análise

| Seção | Detalhes de cada seção  |
|-------|-------------------------|
| 5.1   | Análise em substantivos |
| 5.1.1 | Desinência “x”          |
| 5.1.2 | Desinência “@”          |
| 5.1.3 | Desinência “e”          |
| 5.2   | Análise em adjetivos    |
| 5.2.1 | Desinência “x”          |
| 5.2.2 | Desinência “@”          |
| 5.2.3 | Desinência “e”          |
| 5.3   | Análise em pronomes     |
| 5.3.1 | Desinência “x”          |
| 5.3.2 | Desinência “@”          |
| 5.3.3 | Desinência “e”          |

(Fonte: o autor, 2018)

Fazendo um rápido paralelo com o estudo desenvolvido por Roloff *et al.* (2015), podemos dizer, inicialmente, que a seguinte afirmação feita por eles é pertinente acerca do uso desinência x dizendo que alguns usuários procuram “uma representação equilibrada entre o Masc/Fem., e acreditam na existência de uma tradição gramatical mais conservadora, que acaba corroborando para que se pense realmente que a língua é machista” (ROLOFF ET AL., 2015, p. 32). Contudo, os autores não são felizes ao afirmar, já no título, que o “x” é usado como marca de gênero, pois trata-se justamente da neutralização do mesmo.

Sendo assim, vamos observar cada uma delas individualmente, na ordem, daqui por diante, bem como tentar compreende os usos dessas desinências agênero.

#### 4.1 AS NOVAS DESINÊNCIAS DE GÊNERO EM SUBSTANTIVOS

De acordo com a discussão prévia na revisão da literatura, os substantivos tinham uma grande importância para antiguidade grega, pois estavam ligados estritamente à substância, à essência do sujeito; mais tarde, e de maneira menos íntima, define-se essa classe como aqueles que fazem referência ao nome, e não simplesmente “nomeiam as coisas” como geralmente é definido. Os substantivos têm ainda, voltada para si, uma natureza de “base” e a construção de um texto sem esses seria totalmente improvável.

A neutralização dessas palavras tidas como essenciais em nossa língua é feita de três maneiras específicas com o uso das desinências “x” “@” e “e”. Vejamos como a desinência “x” tem um uso protagonista em relação às demais.

##### 4.1.1 A DESINÊNCIA “x”;

###### *Print 1<sup>7</sup> (Facebook)*

*“Hoje a tarde eu e um grupo de amigxs fomos comer no R.U e a maioria de nós é veganx/vegetarianx. Eis que chegamos lá e nos deparamos com: Arroz e farinha. Sim, tinha uma opção de carne. [...] Eis que um funcionário, que me atendeu com muita educação, me diz o que está ocorrendo: O fornecedor não está entregando por que a UFCG está em dívida com ele e não paga. A minha pergunta é: Cadê o recurso? Por que a administração secundariza as políticas de permanência dxs alunxs? A lógica é: Quem tem grana come, quem não tem passa fome?”*

<sup>7</sup> Respeitando ainda as normas de uma pesquisa de caráter Netnográfico, algumas partes desta e outras postagens (que não são essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa) foram ocultados com o intuito de manter um padrão ético de preservação de face dos colaboradores indiretos da mesma.

A ocorrência descrita no exemplo 1 foi retirada de uma das mais conhecidas e influentes redes sociais da atualidade: o *Facebook*. Percebemos que, embora a postagem seja em uma rede social, a variedade de língua utilizada não é a informal, e existe respeito à maioria das regras gramaticais como pontuação e concordância. O sujeito mostra domínio sobre a variedade padrão, vemos que até nas formas neutralizadas ele não o faz apenas no substantivo, mas também no determinante “dxs amigxs”, seguindo certa regularidade causando concordância entre os elementos. Ao pensarmos no quantitativo de ocorrências de neutralização em relação à extensão de sua mensagem, tais ocorrências poderiam até passar despercebidas, talvez nem receber a quantidade<sup>8</sup> de comentários que recebeu, redirecionando o problema central (a falta de verduras e legumes no restaurante universitário para todos os alunos) para a questão de gênero gramatical que também é estabelecido socialmente.

A justificativa para tal redirecionamento talvez resida no estranhamento causado pela improvável desinência de gênero já que há, na sociedade em geral, e conseqüentemente em nossa língua, uma Ordem Compulsória que nos predispõe a direcionar estes referentes para uma estrutura binária hétero, normativa, tradicional e preestabelecida arbitrariamente, que acaba nos levando ao uso e entendimento equivocado das vogais temáticas, tomadas erroneamente como desinências marcadoras de gênero, o que nem sempre pode ser considerado uma verdade (BUTLER, 2017; AGUIAR, 2006; SILVA, 2004).

Conforme descrito, essa postagem foi materializada por um ato de indignação de um estudante universitário pela falta de igualdade com as pessoas que não comem carne, pois o restaurante não ofereceu naquele dia verduras e legumes, apenas a carne. Nesse contexto, ele usa a neutralização de gênero para comunicar-se com todo o grupo da universidade, onde está contida uma diversidade enorme de pessoas, estudantes de diversas áreas e especialidades distintas. Sua maneira de expressar essa revolta, escolhendo não atrelar a si, ou aos amigos que o acompanhavam, a categoria masculino ou feminino, causou um estranhamento por parte dos constituintes daquele grupo virtual, em forma

---

<sup>8</sup> Foram observados cerca de 22 (vinte e dois) comentários que destoavam do tem central da postagem e falavam apenas da questão linguística.



de comentários: “O que é veganX/VegetarianX? E dXs alunXs? Erro de digitação? Teclado com problema?”, ou ainda: “hueshueshues<sup>9</sup>, vc reclama de morrer de fome, mas assassina a língua portuguesa, fica difícil assim, rapaz.”

Ao olharmos para essa ocorrência e em seguida para as reações que ela provoca, infere-se, sob o ponto de vista do leitor que se depara com tal arranjo em um primeiro momento, ser natural que aqueles que ainda não tiveram contato com a estrutura morfológica sugerida tenham uma sensação de estranhamento em relação à falta do -o ou -a no final da palavra. A presença do neutralizador logo os faz associar este comportamento a uma espécie de erro ortográfico, ou de digitação, ou problema no aparelho (obviamente ironizando esse uso). A compreensão de que não se está respeitando a língua portuguesa, por sua vez, provavelmente é resultado do caráter prescritivo da gramática normativa, que apesar de não descrever uma língua usada em contextos reais de interação pelos falantes, possui uma influência peculiar sobre os usuários da língua. Faz-se oportuno registrar, no entanto, como representativo dessa contradição “prescrição *versus* uso real da língua”, o comentário do internauta que profere a expressão “assassinato da língua portuguesa”, mas usa abreviações que a norma culta não reconhece, como o “vc” (você). Vejamos como isso ocorre em outros contextos, com base nos exemplos que seguem.

| <b>Print 2 (WhatsApp)</b>   |
|---|
| <p>“Bolsistas e Professorxs</p> <p>[...]</p> <p>O *****<sup>10</sup> agradece o empenho de todxs, convictos que juntos seguimos encontrando caminhos para resistir e transformar os espaços da formação de professores do Brasil”</p> |

O *Print 2* trata-se de um comunicado enviado para um grupo de participantes de um Programa Institucional, emitido por parte dos organizadores do mesmo para diversas instituições que exerciam esse programa este particularmente foi recebido via WhatsApp. O papel social das pessoas que

<sup>9</sup> Tal repetição desordenada de letras deve ser interpretada como um tipo de “risada”, isso também ocorre de outras maneiras como: “kkkkk”, “rsrsrs”, “hehehe”, “hahaha”, etc.

<sup>10</sup> Preservação da identidade do grupo a que se refere.

emitiram tal comunicado é de muita influência coletiva e profissional, pois está atrelado estritamente à categoria de formação das pessoas que faziam parte daquele programa.

Em relação aos aspectos formais, como podemos ver, esta ocorrência difere da anterior no quesito ‘ausência de padronização da neutralização do gênero’, ou seja, se “Professorxs” está com a desinência agênero, “Bolsistas” também deveria estar, pois, apesar de não haver um determinante para esta palavra, a vogal temática de sua terminação é, na grande maioria das vezes, associada a pessoas que estão inseridas na parte feminina do par binário social.

Conseguimos enxergar ainda outro equívoco no uso do “x” em “Professorxs”, pois a vogal temática -e, que poderia estar ao final da palavra afetada pela tentativa de neutralização de gênero, em linhas gerais, não possui atrelado a si tradicionalmente um sentido de masculino ou feminino. Vemos isso de maneira clara quando nos deparamos com as três formas que esta palavra pode assumir no singular e no plural: professor, professora, professoras e professores. Se pensarmos, do ponto de vista tradicional e social, no -o e no -a como marcadores de masculino e feminino, neste caso, o plural com a vogal temática -e engloba, efetivamente, todas as pessoas que exercem o magistério, portanto, de certa forma, a palavra já está neutralizada em relação ao gênero. Infere-se, portanto, que fatores sociais muitas vezes se sobrepõem sobre o gramatical causando um mau “cálculo” por parte do usuário e, pensando desta forma, o uso pode ter sido motivado por fatores estilísticos ou simplesmente pela escolha do mesmo, já que gramaticalmente, mas não intencionalmente, a palavra está de acordo com a inclusão proposta pelo movimento. Sendo assim, de acordo com o quadro 1, pode-se dizer que esta ocorrência não obedece aos critérios de regularidade e concordância, evidenciando apenas o lado opcional.

|                                  |
|----------------------------------|
| <b>Print 3</b> (Instagram)       |
| “Niver da [...] Negrinhx Junixr” |

Em um contexto virtual distinto, o *Print 3* foi coletado de um perfil pessoal da rede social *Instagram*, lugar virtual onde os usuários postam majoritariamente fotos de seu dia a dia, coisas simples do cotidiano, mas também usam como

forma de divulgação pessoal enquanto influenciadores digitais de marcas (de iniciantes até as mais famosas), até lojas (como veremos no próximo *Print*). Diferentemente das ocorrências que vimos até agora, o internauta que se propôs a neutralizar estas palavras não se trata de uma personalidade de extrema influência, ou que vá alcançar várias pessoas com sua publicação nesta rede social, no entanto, ela usa a neutralização de gênero como um uso pessoal, para referir-se a uma pessoa amiga que está comemorando um aniversário. Para isso, faz uso da variedade não padrão, como podemos ver na abreviação da palavra *aniversário* “Niver”, muito comum em usos orais.

Observemos que este exemplo tem um referente no diminutivo que poderia ser, tradicionalmente, “Negrinho ou Negrinha”. Ao contrário do exemplo com “Professorxs”, não há variedade dessa palavra que a faça neutra em gênero (isso gramaticalmente de acordo com o social) por natureza a neutralização, nesse caso, pode ser considerada como aplicável sem o caráter redundante anterior. No entanto, não podemos afirmar o mesmo da palavra que o segue “Junixr”, pois apesar de existir uma padronização de neutralização, sabemos que no uso cotidiano dessa palavra só se conhece uma maneira de escrita, ou seja, não há contraparte dela cuja vogal temática seja **-a**. Essa incongruência justapõe-se diretamente com uma das premissas elencadas por Azeredo (2010)<sup>11</sup>, pois descaracteriza o processo da mudança de gênero gramatical. Por outro lado, sabe-se que, em linhas gerais, a neutralização já está embutida no -o devido a uma herança na mudança que ocorreu ainda no latim, por isso ele nem sempre deve ser considerado marca de gênero; a padronização feita pelo usuário, nesse caso, não é contestável, porém em total desrespeito a gênese desta palavra em relação aos aspectos históricos. Em relação ao nosso quadro de referência essa ocorrência se dá de forma opcional, sendo regular e está de acordo com a concordância dentro da sentença.

***Print 4*** (Instagram)

“Envie para umx amigx”

---

<sup>11</sup> Ver Capítulo 2.

Por sua vez, o *Print 4* é originário de uma “história” no *Instagram*, nomenclatura dada para postagens temporárias em que os usuários podem fazer exposição de fotos pessoais, de produtos, enquete etc. Nesse caso, como a conta na rede social representa uma loja, há uma solicitação por parte do gerenciador da plataforma da loja nesse App<sup>12</sup>, em que diferentes pessoas do país que a seguem podem participar, para que seus potenciais clientes enviem o que está sendo anunciado para alguém com quem tenham uma relação de amizade, alcançando, dessa forma, cada vez mais pessoas (amigos de amigos, etc.), algo típico das propagandas que, por vezes, influenciam consumidores.

Tal publicação possui a versão neutralizada das palavras “Amigos/Amigas”. Encaixando-se no caso descrito para “Negrinhx”, a palavra “Amigxs” tem uma neutralização pertinente se pensarmos que (mesmo que saibamos que não seja sempre assim) há usos que considerem -a e -o nesta palavra como marca de gênero. Nesse sentido, podemos perceber que o determinante que o antecede, embora nomeado como indefinido, também está desmarcado em gênero, sendo assim, pelo critério obrigatório de concordância existente no PB, é pertinente que o determinante também esteja neutralizado. Dessa forma, padroniza-se a neutralidade, ligando-se a regularidade e concordância da flexão, mas também pelo caráter opcional da derivação, ao passo que se respeita regras morfossintáticas e cria-se uma harmonia entre elas.

#### 4.1.2 A DESINÊNCIA “@”

| <i>Print 5</i> (WhatsApp)   |
|---|
| <i>“Fica mais que uma dica de trabalho e uma responsabilidade [...] p nós enquanto <u>professor@s</u> e enquanto indivíduos”.</i> |

Como é perceptível, a desinência de agênero que neutraliza a palavra no exemplo no *Print 5* trata-se do conhecido caractere “@” (**arroba**), que é geralmente usado de maneiras diferentes principalmente na informática, muito utilizado em endereços eletrônicos. O contexto de ocorrência refere-se a uma

<sup>12</sup> Abreviação oficial para “Aplicativo”.

mensagem em um grupo no WhatsApp, composto por alunos de graduação em licenciatura, enviada por um dos seus participantes, em resposta a uma mensagem anterior de um colega. Deve-se considerar que nesse contexto específico, a linguagem coloquial é bastante presente.

Nesse caso, a neutralização de gênero traz consigo a mensagem de uma tomada de consciência do papel social que aquelas pessoas devem exercer enquanto futuros “professor@s” em um ambiente que, teoricamente, não há desníveis entre os usuários, e que todos comunicam-se “de igual para igual”. Assim como as demais ocorrências, esta apresenta características flexionais (regularidade e concordância) e da derivação (por ser opcional).

**Print 6 (E-mail)**

“Prezad@ Alun@

O Programa \*\*\*\*\*, lança hoje uma pesquisa [...], participem e contamos com sua ajuda para cumprir esta missão”.

Em relação ao *Print 6*, obtido de um *e-mail* enviado por um dos programas de idiomas de maior reconhecimento e importância na atualidade, nota-se que, de acordo com a saudação e o público-alvo, tal mensagem assume uma natureza educativa. A neutralização foi utilizada com o intuito de não se fazer qualquer distinção entre os destinatários, tendo em vista o diversificado leque de pessoas que dele fazem parte. Entende-se tal comportamento como uma quebra de paradigma, ao assumir um caráter inclusivo e totalitário que se deve ter quando se está em um ambiente de aprendizado ou algo que esteja atrelado a ele. A desinência “@”, assim, torna-se simbólica, dado o contexto em que é veiculada a mensagem.

A variedade linguística pretendida, nesse caso, é a norma culta, com respeito às regras de acentuação e sem abreviações discriminadas, mas com alguns desvios na pontuação. Verifica-se, nessa ocorrência, o respeito ao critério de concordância, com a neutralização de gênero com a desinência “@” tanto no adjetivo quanto no substantivo.

No que diz respeito à desinência agênero, contudo, pode-se apontar uma “falha” que pode fazer dela ineficiente em determinada situação de uso como um

marcador de gênero neutro; isso pode ser explicado pelo fato deste caractere ser dotado de uma sonoridade parecida com a da desinência de gênero feminino (-a), levando a uma associação entre os dois quando usado em algumas palavras, contextos ou usuários distintos, o que não é interessante para o movimento. O processo de mudança se caracteriza pela regularidade e concordância, assim como a opcionalidade.

#### 4.1.3 A DESINÊNCIA “e”

| <i>Print 7 (Instagram)</i>  |
|---|
| <p><i>“Vale fazer campanha e pedir pra galere votar?”</i></p> <p><i>Vale sim!</i></p> <p><i>Boa sorte a todas!”</i></p> |

O *Print 7* suscita uma discussão de que as massas sociais estão cada dia mais diversificadas. Nesse sentido, comunidades específicas *on-line*, grupos, corporações, lojas, etc. que se encontram no ambiente virtual buscam alcançar o maior número de potenciais consumidores, colaboradores indiretos ou espectadores através de uma interação eficaz e democrática. Esse novo recurso da linguagem pode ajudar a “atingir” ainda mais pessoas e o exemplo acima é justamente mais um desses casos, em que uma loja que possui conta na rede social *Instagram* utilizou o arranjo transcrito no *Print 7* para deixar seus seguidores a par de um sorteio.

Percebe-se nesse exemplo, também disponibilizado como uma “história” na rede social *Instagram*, que “galere” está desmarcado mesmo sem haver uma oposição de gênero para ela (“galera/galero”, por exemplo). No entanto, se pensarmos que “A galera” pode ser constituída apenas por mulheres, homens, transexuais (que também podem ser homens ou mulheres dependendo da transição que fazem), o significado continuaria denotando um grupo de pessoas, sem distinção gênero/sexual entre elas. Não se justificaria, portanto, a neutralização do gênero em -e, a não ser por uma estratégia de engajamento da loja/marca em questões relativas aos movimentos sociais.

No entanto, considerando que a neutralização foi feita, e observando o exemplo como um todo, percebemos que “todas” não segue o mesmo raciocínio. Relembremos que, no latim, o neutro foi englobado pelo masculino e que preconceituosamente nossa sociedade vê a expressão “todos” como a referenciação ao grupo em geral, independente do sexo e de sua orientação sexual, mas que “todas” há uma remissão exclusiva ao grupo de mulheres. Percebe-se, portanto, no exemplo uma ausência de padronização na marca agênero: a palavra ‘galera’ perde o -a e recebe a desinência -e, mas a palavra ‘todas’ continua com o -a, remetendo a um grupo exclusivo de mulheres. Esta ocorrência não está de acordo com o critério de concordância, mas esta com a regularidade e opcionalidade.

***Print 8 (Facebook)***

*“Menines de verdade, qual seria a profissão ideal pra vcs?”*

O *Print 8* foi retirado da rede social *Facebook*, em que o usuário, participante de um grupo com diversos membros, faz uma pergunta aleatória com o intuito de promover a interação, mesmo entre pessoas que jamais se conheceram(rão) pessoalmente ou que mantenham qualquer laço íntimo. Faz isso utilizando-se de uma variedade menos padrão e configurações próprias da internet.

Nesse exemplo, pode-se dizer que a neutralização do substantivo “menines” é justificável, regular e pode ser explicada, pois, em nenhuma de suas formas, a palavra é dotada de neutralidade em seu viés gramatical ou tem sentido de coletividade sem distinções, já que a vogal temática dessas palavras, quando justapostas (Meninos/Meninas) tem uma denotação de gênero (Masculino/Feminina) caracterizando-se regular e de acordo com o critério de concordância do quadro 1. Reiteramos, porém, que essa denotação de gênero é vista de um ponto de vista social engessado na estrutura binária, em que alguns indivíduos não se veem inclusos, dados os equívocos já explicados, trazendo, dessa forma, características particulares de um grupo de pessoas que não se encaixa nessa linearidade e buscam meios de ver-se representados em seu próprio idioma e buscam isso através dessas novas desinências.

## 4.2 AS NOVAS DESINÊNCIAS DE GÊNERO EM ADJETIVOS

As semelhanças estabelecidas entre as classes de palavras substantivo e adjetivo foi um dos pré-requisitos para que Bagno (2011) as topicalizasse de maneira conjunta em sua gramática pedagógica. Sendo assim, algumas dessas semelhanças também podem ser constatadas nas formas de neutralização de gênero. Vejamos:

### 4.2.1 A DESINÊNCIA “x”

|   |
|---|
| <b>Print 9 (Facebook)</b>   |
| <i>“Quando passa um homem/mulher bonitx perto de vocês, fazem igual a moça ou fingem demência? [...]”</i> |

Também ambientada no *Facebook*, essa ocorrência trata-se de uma tentativa de interação de usuário com os demais membros de um grupo na rede social, na ocasião. Para ilustrar a pergunta feita, o internauta coloca uma imagem de uma mulher que olha indiscretamente para um homem que passa, e questiona se os demais membros do grupo reagem de maneira semelhante ou se são mais discretos. Podemos afirmar que sua influência sob os demais é pequena, a interação é feita justamente pela identificação, ou não, com a pergunta e a imagem, recursos utilizados pelo usuário para fazer isso acontecer.

Assim, pensando na classe dos adjetivos como um atribuidor de propriedades singulares para determinadas categorias, como diz Neves (2000), o adjetivo contido no *Print 9* não só se mostra como uma atribuição, mas também deixa claro a quem estas novas desinências desprovidas de gênero definido estão servindo: as pessoas em geral, independentemente de como se veem socialmente. Contudo, o determinante que não segue a neutralização causa um desserviço ao movimento, pois acaba carregando em si a marca de gênero, justamente o oposto do que é proposto ao se neutralizar.

Mesmo sabendo que esta classe já foi abordada por nós, para compreender de maneira mais ampla o caráter social deste fenômeno, é interessante nos atentarmos com maior cuidado aos substantivos antecessores



do adjetivo que estamos observando. Desse modo, iremos perceber que se trata justamente da dualidade sexual que é padrão social em todo o mundo: Homem e Mulher. Quando nos deparamos que a palavra “bonito” (uma das maneiras possíveis de se escrever a forma que está neutralizada) pensamos, de acordo com tudo o que já foi dito anteriormente, que: 1- não há necessidade, pois a neutralidade já está contida no masculino ou 2- isso pode sim ser feito visto que a palavra não tem uma forma que atinja todas as pessoas, inclusive as que não se incluem em “Homens” ou “mulheres”. Pensamos nesta última como a alternativa mais pertinente e a mais representativa do movimento. Podemos dizer que o critério de opcionalidade é incontestável, diferentemente dos da regularidade e concordância, presentes na ocorrência.

|  |
|--|
| <b><i>Print 10 (Instagram)</i></b>             |
| <i>“Ansiosxs para todas essas novidades?”</i>  |
| <b><i>Print 11 (Instagram)</i></b>             |
| <i>“Vocês estão preparadx para o sorteio?”</i> |

Mais uma vez os negócios se fazem presentes nas redes sociais e os gerenciadores dessas contas em ambientes virtuais mostram-se atentos à importância de se comunicar de maneira inclusiva. Ao levantar a bandeira de grupos desfavorecidos, tais usuários acabam desempenhando o papel de disseminadores dessas novas desinências, fazendo com que um número maior de pessoas tenham, a cada dia, maior acesso à neutralização de gênero. Afinal, se há uma maneira de incluir todas as pessoas (homens, mulheres, trans, queer, etc.), não há motivo ideológico para não se fazer, a não ser em razão do preconceito. Apesar de o ambiente virtual muitas vezes possuir o estigma de menos formal, podemos ver que a variedade utilizada nesse exemplo é a padrão, respeitando regras gerais do PB buscando por regularidade e concordância, apesar da opcionalidade.

Conforme foi dito, e contribuindo para o que Bagno (2011) chama de “preservação de identidades individuais”, como vimos no capítulo 3, ao correlacionarmos isso à informação de que tanto o *Print 10* quanto o *Print 11* têm

as mesmas origens de emissão, despertamos para a compreensão de que a neutralização tem um uso cada vez mais crescente.

O “x” de ambas as palavras vem torná-las acessível para uns, no entanto, como vimos anteriormente, para outros, isso talvez venha a tornar a língua um pouco mais “complicada” no quesito compreensão, em um primeiro momento. A resolução para isso se dá com base em uma exposição frequente ao fenômeno. Essa consequência do uso de palavras sem gênero gramatical, no entanto, não deslegitima o movimento, afinal, sabe-se que de sacrifício as minorias oprimidas entendem como ninguém. Os fatos históricos podem comprovar isso: pessoas de orientação sexual divergente daquela estabelecida socialmente eram, até pouco tempo, consideradas doentes, sendo isso fruto de um patriarcado de regimento estritamente “religioso, moralista e ascético” (TIBURI, 2018, p. 44).

#### 4.2.2 A DESINÊNCIA “@”

|  |
|--|
| <b>Print 12 (E-mail)</b>   |
| <p>“Prezad@ alun@ e prezad@ servidor (a)<br/>[...]<br/>Você também pode usar o aplicativo (****) disponível AQUI.”</p> |
| <b>Print 13 (WhatsApp)</b>   |
| <p>“Prezad@s colegas<br/>Em nossa instituição [...]<br/>afetando os cursos de licenciatura”</p>                        |

Os exemplos acima provam mais uma vez a ampla diversidade de contextos dos usos das desinências “agênero”. Por exemplo, o *Print 12* foi obtido através de um *e-mail* pessoal. O comunicado que tal mensagem traz, por sua vez, é enviado para pessoas que estão cadastradas na lista de contatos do mesmo (o que é feito por meio da solicitação de participantes de diversas áreas do país) como possíveis interessados no conteúdo que ali está contido, assim, uma massa de pessoas recebe essa mensagem. A variedade usada nesse exemplo está de acordo com a norma, são respeitados aspectos formais de uma maneira geral, e vemos que a regularidade e a concordância nem sempre estão

presentes em todas as ocorrências. No que diz respeito à neutralização vemos que, apesar do adjetivo *prezad@* estar concordando com o substantivo *alun@*, o substantivo “servidor (a)” não está neutralizado, em desrespeito à padronização.

Podemos afirmar que o mesmo problema ocorre no *Print 13*, coletado de uma troca de mensagens em um grupo de WhatsApp de estudantes de licenciatura, ou seja, um contexto totalmente destoante do anterior, em que o diálogo é estabelecido entre pares que dialogam entre si em “erros” e “acertos” acerca da neutralização.

É notório que os *Prints 12* e *13*, conjuntamente, neutralizam o adjetivo, mas não fazem o mesmo no referente, o que não pode ocorrer em uma situação regular da norma, ou seja, se o substantivo está marcado com o que gramaticalmente entende-se como feminino o adjetivo, de maneira obrigatória, deverá assim concordar, confirmando o fato de que a partilha de propriedades entre os constituintes (nesse caso a concordância) nem sempre é respeitada ou padronizada. A maneira como estão postos ambos os exemplos, poderia ser comparada à expressão agramatical “Prezados Alunas” ou, ainda, mesmo que a outra possibilidade não seja agramatical, seria como se os destinatários se referissem apenas ao sexo feminino: “Prezadas Colegas”, reduzindo os destinatários, acreditamos que não seja essa a intenção.

| <i>Print 14 (Facebook)</i>   |               |           |                    |              |
|--|---------------|-----------|--------------------|--------------|
| <i>“Prezad@s</i>   |               |           |                    |              |
| <i>A</i>   | <i>pedido</i> | <i>da</i> | <i>professora,</i> | <i>[...]</i> |
| <i>ela falou [...] que logo mais postará um modelo com os slides para a apresentação oral”</i> |               |           |                    |              |

O *Print 14*, por sua vez, foi coletado de um grupo do *Facebook* criado para fins acadêmicos, composto apenas pelo professor universitário e alunos matriculados em um determinado componente curricular. Nesse grupo, em específico, o monitor da disciplina publica um aviso a seus colegas a pedido da professora, e utiliza a desmarcação de gênero no adjetivo que inicia seu comunicado para isso faz uso da variedade padrão, visto que se trata de uma

situação formal de comunicação – um comunicado. Isso também é observado em outras ocorrências em que podemos constatar esse uso sendo feito pela própria professora, mas com a desinência “x”, ao invés do ‘@’, simultaneamente nas três classes constatadas por nós, como podemos perceber no exemplo a seguir:

| <b>Print 15</b>   |
|---|
| <p><i>“Queridxs Alunxs</i><br/> <i>[...]</i><br/> <i>Espero que aceitem a sugestão!</i><br/> <i>Boas férias a todxs!”</i></p> |

Ao lançar nossos olhares sobre os *Prints* 13, 14 e 15, podemos constatar que se referem a mensagens com destinatários de um determinado grupo específico, emitidos por pessoas com diversos papéis sociais diferentes. Também é interessante pensar que mesmo que não haja intimidade entre os emissores e os receptores da mensagem, é essencial que todas as pessoas se vejam incluídas como alvos diretos das referidas mensagens.

Vejamos com atenção o adjetivo que aparece nas três ocorrências: prezado(s), segundo o Dicionário *On-line* de Português, quer dizer algo ou alguém “querido, estimado; merecedor de estima” sendo assim, costumeiramente tal adjetivo é usado para mostrar polidez. Não menos importante é o caractere “@”, que é um recurso exclusivo do ambiente digital. Mais uma vez ganha a função que a vogal temática deveria ter aos nossos olhos, mas que devido a esse binarismo estabelecido em nossa sociedade, acaba perdendo sua função de origem e designando outra, segundo a consciência do usuário. A regularidade é presente apenas no exemplo 15, a concordância pode ser observada em todas, assim como o caráter opcional.

#### **4.2.3 A DESINÊNCIA “e”**

|   |
|---|
| <b>Print 16</b> (Página digital de congresso) |
|---|

|  |
|--|
| “Área de <u>inscrite</u> ” <sup>13</sup> |
|--|

O *Print 16* foi coletado na página de um congresso internacional, ambiente distinto dos *Prints* anteriores. Na página oficial do evento, essa era a forma como os participantes poderiam guiar-se até sua área de acesso em que poderiam inserir seus dados.

Vê-se que, a partir de uma variação que respeita a norma culta em aspectos organizacionais, existe uma preocupação em neutralizar ainda o determinante, em concordância com neutralização no adjetivo “inscrite”. A área acadêmica, como formadora primeira de profissionais para nossa sociedade, exerce um papel importante nas questões relativas ao respeito e à inclusão. Ao se valer de uma linguagem sem gênero na página em que todos os participantes teriam acesso, há uma clara demonstração por parte dos organizadores do evento de contraposição às estruturas estabelecidas previamente por um sistema hétero e normativo, que estigmatiza.

|                                      |
|--------------------------------------|
| <b><i>Print 17 (Facebook)</i></b>    |
| <i>“[...] Alte Literature [...]”</i> |

De acordo com as discussões teóricas acerca do substantivo e do adjetivo vimos que Neves (2000) esclarece que o gênero do adjetivo se dá em função de seguir o gênero do substantivo. Em face desse esclarecimento, podemos observar, a partir do *Print 17*, que a neutralização de gênero segue exatamente o mesmo comportamento da marcação de gênero, descrito pela estudiosa.

Este exemplo difere dos demais, na medida em que foi coletado em um texto de explícita militância LGBT+, o que não se aplica aos demais exemplos, disponibilizado como um *Link* na página do *Facebook*. Dessa forma, tem sua natureza totalmente voltada para aspectos da causa, o contexto é totalmente condicionado a isso bem como o público ao qual se destina, embora pudesse ser visto também por pessoas fora do meio.

---

<sup>13</sup> Estamos considerando ‘inscrite’ como adjetivo, na medida em que compreendemos que há um substantivo tal qual “participante”, “membro”, elíptico, com o qual ele concorda.

Sabemos que o comportamento da língua não é autônomo e que está estritamente ligado às mudanças sociais como vimos em Ferreiro (1995) e Santos (2012). Tal mudança, no entanto, não quer dizer que esses grupos começam a surgir agora, mas que, na verdade, estão ganhando um pouco mais de espaço, ou tentando, prova disso é a neutralização do gênero.

Tomando por base as particularidades dessa classe, ao qualificar algo ou alguém, o adjetivo, assim como demais classes em suas singularidades, assume grande importância em nossos dias, até nas coisas mais simples, mas isso quase sempre nos passa despercebido. Percebe-se, contudo, que nem todas as pessoas o encaram com esse tipo de importância, contudo veremos que no momento em que o usuário não se vê refletido ou representado em seu próprio idioma, o que pode causar sentimentos semelhantes ao da exclusão.

### 4.3 AS NOVAS DESINÊNCIAS DE GÊNERO EM PRONOMES

Pensamos na classe dos Pronomes muitas vezes como uma espécie de substituto para o sintagma nominal, visto que quase agem em seu lugar, de maneira a lembrar ou referenciar a eles. Os pronomes também sofrem, em alguns casos, justamente a mudança de gênero gramatical e, dessa forma, também estão inclusos como alvos dessas neutralizações.

#### 4.3.1 A DESINÊNCIA “x”

**Print 18 (Facebook)**

*“A única dúvida que euzinhx queria ter na minha vida [...].”*

De acordo com a norma gramatical, o pronome pessoal contido no *Print 18* está flexionado no grau diminutivo (que pode ser identificado pelo sufixo *inho/a*), característica própria de uma linguagem mais coloquial, que é este caso, assim como se apresenta a expressão de gradação “*tudinho*”, de acordo com Bagno (2011), no Capítulo 2. Infere-se, portanto, de acordo com a maneira como está posto, que o uso que é feito da neutralização de gênero no pronome foi

escolha do usuário, da forma como o mesmo enxerga-se, posto que a pessoa faz referência a si próprio de forma desmarcada em relação ao gênero.

Ela se encaixa nos mesmos padrões de tantos outros que abordamos até o presente momento: coletado do *Facebook*, de uma postagem que pretende estimular a interação e o riso, está vinculada a um vídeo em que um homem pedia para seu filho averiguar qual dos seus carros de luxo estava faltando na garagem. Quem fez a postagem foi uma pessoa aleatória na rede social, que não tem tanta influência sobre as demais pessoas, como em alguns dos outros exemplos até aqui vistos.

***Print 19 (Facebook)***

*“Feliz dia para todxs amigxs professores [...]Eu acredito no poder da educação”*

Como é notável, o conteúdo dessa ocorrência é de caráter comemorativo e de festejo de um dia especial coletada do *Facebook*. Em relação à concordância, a frase do *Print 19* respeita as regras estabelecidas pela norma gramatical. O pronome mantém com o substantivo a relação de neutralização (Todxs amigxs professores) e não apresenta o equívoco de neutralizar uma palavra terminada em uma vogal temática que já não tem direcionalidade para gênero algum, como vimos, por exemplo, no *Print 2*. Esta ocorrência segue critérios regularidade, concordância e é opcional.

Infere-se, portanto, da maneira que está posto, que o sujeito que transmite a mensagem se inclui no grupo ao qual ele felicita como um educando, e o papel social de um professor em relação à construção da cidadania do sujeito é algo incontestável, como é sabido. Dessa forma, é utilizada a variedade formal, padrão, ao passo que há uma tentativa de reprodução de regras estabelecidas pela gramática.

***Print 20 (Instagram)***

*“Daqui a pouquinho [...] vai começar a live [...], a (\*\*\*\*\*) gerente de diversidade e inclusão da #TODXS”*

|                             |
|-----------------------------|
| <b>Print 21 (Instagram)</b> |
|-----------------------------|

|   |
|---|
| <p><i>“Não estamos confusos, [...] (R)existimos e queremos respeito. #TODXS [...].”</i></p> |
|---|

Comunidades *On-line* como as redes sociais permitem criação identitária dos usuários da língua através de manifestações culturais diversas como a observada nos *Prints 20 e 21*, desempenhando um desenvolvimento social através desses aplicativos. Vemos que essas ocorrências não seguem uma regularidade ou concordância, pois estão funcionando como recursos visuais para os usuários da rede social.

Com mais esses dois exemplos coletados do *Instagram*, podemos concluir que essa rede social vem se tornando um ambiente profícuo de utilização da neutralização de gênero em diversas classes. Provavelmente, isso ocorre pela diversidade de caracteres bastante atualizados, como as “#” (Hashtags). Atualmente o App permite que as pessoas sigam não só pessoas e lojas, mas também uma “tag” que seja de seu interesse. São publicações de esporte, lazer, animais, temas diversos, enfim, as quais vinculam-se com a neutralização de gênero. Apesar de toda a estruturação do texto estar adaptada ao ambiente virtual por que transmite a mensagem, vemos que há um respeito ao uso padrão de aspectos formais da língua.

Comumente, o pronome “todos” é usado para abranger a totalidade das pessoas, de potenciais alvos a quem determinada mensagem pode interessar (BUTLER, 2017), de acordo com o “domínio amigável do gênero”.

#### 4.3.2 A DESINÊNCIA “@”

|                            |
|----------------------------|
| <b>Print 22 (WhatsApp)</b> |
|----------------------------|

|                     |
|---------------------|
| <p><i>[...]</i></p> |
|---------------------|

|  |
|--|
| <p><i>Contamos com a participação de tod@s [...]</i></p> |
|--|

|   |
|---|
| <p><i>Juntos com suas turmas dessa importante discussão”.</i></p> |
|---|

A ocorrência acima convoca uma “mobilização” entre professores e alunos por uma causa através de um comunicado no WhatsApp. Reforçamos



que o papel social dos professores, nesse sentido, é de muita influência e podem resultar em positivas visões acerca do fenômeno, estimulando sujeitos mais tolerantes, a educação livra as pessoas da ignorância. A variedade linguística adequa-se ao ambiente de educação que se forma, pois é mais formal, e o uso do padrão da língua é observado, observa-se a falta de regularidade e concordância, de acordo com o quadro 1.

Em relação a aspectos formais pode-se notar que enquanto a padronização dessa neutralização é plausível em alguns casos, ainda é muito precária em outros e pode ser um problema contra o próprio movimento por exemplo, na segunda linha do exemplo a palavra “Juntos” não está seguindo o mesmo raciocínio que “tod@s”. Dessa forma, deslegitima-se a neutralização de um termo em função de que isso não foi feito logo em seguida com outra partícula do texto como um todo.

#### 4.3.3 A DESINÊNCIA “e”

**Print 23** (*Página oficial de congresso*)

*“Agradecemos a presença de Todes”*

Este *Print* é proveniente da mesma página onde coletamos o *Print* 16, do referido congresso internacional. Confirmamos, portanto, que existe a intenção de manter a neutralização de gênero na página para que todas as pessoas possam se sentir acolhidas pelo evento.

Assim, sabendo-se que a saudação do exemplo que está no *Print* 23 vem com a intenção de acolher, organizar e explicar o funcionamento do evento de acordo com as informações que a antecedem, “Todes” encontra-se neutralizado pela desinência “e” que, além de conter propriedades que fazem dela mais compreensível na palavra causada pela sensação de que talvez seja um pouco mais difícil verbalizar “contamos com a presença de todxs/tod@s”. Esta maneira de ser escrita ainda pode não enfrentar tantos problemas para uma transcrição que necessite de máquinas, como é o caso dos livros feitos para pessoas que não possuem o sentido da visão, o que é uma maneira interessante de criar-se uma linguagem sem exclusões.

Diante disso, podemos afirmar que se percebe uma quebra da mesma racionalidade universal, como diz Butler (2017) em todos os exemplos até aqui, constata-se também que há um uso difundido das neutralizações de gênero por meio dessas novas desinências, que está sendo feito pelas mais diversas personalidades, e até pessoas jurídicas estão valendo-se dessa nova maneira de escrever para chegar a cada vez mais pessoas de uma maneira geral e inclusiva.

Por fim, embora cientes de que o uso das desinências “agênero” “x”, “@” e “e” esteja muito mais para um processo de variação do que necessariamente de mudança linguística – e, por isso mesmo, sem regularidade estabelecida –, podemos dizer que, no estágio atual, as ocorrências analisadas atendem tanto a comportamentos típicos de flexão quanto de derivação, se considerarmos os critérios *regularidade*, *concordância* e *opcionalidade*, discutidos no Capítulo 3. No quesito *concordância*, por exemplo, foi possível identificar ora o desrespeito ora o respeito às regras de concordância exigidas pela natureza da frase, típico do processo flexional. Já quanto ao critério *opcionalidade*, as ocorrências seriam classificadas, em sua totalidade, como derivação, já que, por motivos de neutralização do gênero, os falantes, por vontade própria, optam pelas desinências “x”, “@” e “e”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme afirmamos na Introdução deste trabalho, nosso objetivo geral foi analisar as novas formas de neutralização de gênero em comunidades *on-line*. Para tanto, traçamos quatro objetivos específicos. O primeiro deles foi: identificar as classes de palavras com maior incidência das novas formas de neutralização de gênero. Como resultado, pudemos constatar tais formas incidem, em maior número, na classe dos substantivos, dos adjetivos e dos pronomes, e que, conforme quantificação cronológica dos dados, as ocorrências apareceram inicialmente nos substantivos, com ampliação progressiva para os adjetivos e para os pronomes, respectivamente.

Já quanto ao segundo objetivo específico, buscamos averiguar se as ocorrências encontradas no ambiente da internet atendem aos critérios da flexão ou da derivação, concluímos que não é possível afirmar categoricamente a qual desses processos as novas formas de neutralização se acomodam, pois há momentos que as ocorrências apresentam comportamento morfossintático próprios da flexão e outros da derivação. Desse modo, somos partidários da compreensão de que o gênero estaria num *continuum* entre a flexão e a derivação, como vimos em nossa análise, pois há ocorrências que partilham de características de mudança tanto da flexão quanto da derivação.

Quanto ao terceiro objetivo específico, quisemos comparar o comportamento morfossintático de marcação de gênero previsto pelas gramáticas com o da neutralização de gênero nas comunidades *on-line*, foi possível perceber que a neutralização de gênero reproduz, na maioria das ocorrências, o mesmo comportamento morfossintático de marcação de gênero prescrito pelas gramáticas, inclusive, com irregularidades e falta de padronização de uso. Em contrapartida, ao passo que a gramática tenta justamente “generificar” as palavras, o processo de neutralização vai justamente negar este comportamento, estimulando a ausência de gênero.

Por fim, nos propomos a refletir sobre os ambientes e as prováveis motivações para a necessidade de neutralização de gênero no Português Brasileiro.” Foi possível perceber que a internet e suas comunidades *on-line*— *Facebook, Instagram, WhatsApp, E-mail, YouTube, etc* — constituem-se ambientes profícuos para o uso progressivo dessas novas formas de

neutralização, devido a fatos como pseudo anonimato ou sensação de segurança, visibilidade etc. Dentre as motivações, é possível considerar o desejo de alguns usuários em construir uma linguagem desvinculada da dualidade de gênero social e, simultaneamente, engajar-se politicamente, somando força a um movimento de grupos marginais da sociedade, pautada em regras engessadas e preconceituosas.

É oportuno considerar que a neutralização de gênero no Português Brasileiro pode ser encarada, em alguns casos, como proveniente de um vitimismo piegas por aqueles que não passam pela frustração de não se sentirem referenciados em sua língua. Luchesi (2004), contudo, defende que a língua tem o poder não apenas de referenciar, mas de representar seu usuário, ao momento que incorpora comportamentos que são íntimos de cada um deles. Nesse sentido, Tiburi (2018) faz uma calorosa e dura comparação que pode ser direcionada para a discussão da neutralização de gênero: “As transformações no contexto do que chamamos de gênero apavoram aqueles que preferem viver em uma sociedade na qual as pessoas são marcadas como o gado” (TIBURI, 2018, p. 76).

Muito embora haja ausência de padronização e casos de desrespeito às regras morfosintáticas no sistema da neutralização de gênero, o que pode ser justificado pelo seu caráter recente, as publicações neutralizadoras foram/são motivo de interação. Minimamente, para que essa interação ocorra, é imprescindível a compreensão efetiva dos textos, ainda que haja concordância ou discordância, aceitação ou repulsa desses novos modos de escrever e das lutas que refletem. Nas ocorrências analisadas, mesmo com a ausência de padronização e as irregularidades na concordância, podemos dizer que os usuários alcançaram o mínimo para a interação através da língua.

Os resultados obtidos confirmam que estamos diante de um fenômeno de “linguagem especial”, como vimos em Galli (2009), em constante crescimento de uso e a ampliação e padronização do léxico está relacionada aos avanços tecnológicos. No entanto, não podemos afirmar ainda que esteja havendo um processo de gramaticalização dessa neutralização, pois a ausência de padronização e de regularidades em aspectos morfosintáticos do próprio fenômeno elimina essa possibilidade.

Diante disso, entende-se que caráter histórico e antropológico do que entendemos hoje por homem/mulher, masculino/feminino é a grande causa de termos tais estruturas preestabelecidas, bem como seu caráter impositivo sobre as pessoas. Traçaram-se moldes moralistas de acordo com a estética de uma estrutura binária e espera-se que todos se encaixem nos mesmos.

Esperamos que os resultados desta pesquisa possam promover a reflexão acerca do importante papel social que a língua pode exercer para a auto compreensão do usuário da língua enquanto ser social, pensando-a como fator social e instrumento de luta. O reconhecimento de si próprio como parte constituinte da coletividade está, a cada dia, dentro de possibilidades amplas, graças a movimentos de coragem, exposição e rejeição de rótulos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávia Lannes Vieira de. Gênero do substantivo: flexão ou derivação?. In: *III Congresso de Letras da UERJ*, p. 1-10. 2006. Rio de Janeiro. *Anais...* Disponível em < <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/iii/comunicacao.htm> > Acesso em: 05/07/2017.
- ARAÚJO, G. L. F.; QUEIROZ, S. S. L. S.; BUENO, E. S. da S. A língua: um instrumento de fala, de identidade pessoal e social. *Revista SOCIODIALETO*, Campo Grande, v. 2, n. 2, p. 1-11. Disponível em <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/13/01122012013110.pdf>> Acesso em: 19/12/2017.
- AZEREDO, José Carlos de. A flexão nominal e a formação de gênero do substantivo no português. In: *II CLUERJ-SG*; n.º 01. Ano 2; Volume Único; Anais. UERJ: 2005.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa* – 37.ed. Edição atualizada pelo novo acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: 2009.
- BERNARDO, A.C.C. *Abordagem da distinção flexão e derivação: uma análise em livros didáticos e gramáticas escolares*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- BOTELHO, José Mário. Flexão e derivação sufixal: semelhanças e diferenças. *SOLETRAS*, Ano X, Nº 20. São Gonçalo: UERJ. 2010. Disponível em :[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2199830/mod\\_resource/content/1/Flexa%CC%83o%20e%20Derivac%CC%A7a%CC%83o%20-%20artigo%20Botelho.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2199830/mod_resource/content/1/Flexa%CC%83o%20e%20Derivac%CC%A7a%CC%83o%20-%20artigo%20Botelho.pdf). Acesso em: 20/11/2017.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de Identidade*. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2017.
- BUZATO, M. E. K. *Três concepções para o estudo de Redes Sociais*. In: ARAÚJO, A.; LEFFA, V. (Org.). *Redes sociais e ensino de línguas, o que temos que aprender?* São Paulo: Parábola Editorial. 2016. p. 33-48.
- CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 47.ed., Petrópolis – RJ, Vozes, 2015.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.2016.

CUNHA, C.F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 11.ed. Ministério da educação - FAE. Rio de Janeiro. 1986

DANTAS, A. As três grandes correntes da linguística moderna: Estruturalismo, Funcionalismo e Gerativismo. *Scribd*. Artigonal: 2010. Disponível em: <http://pt.scribd.com/astresgrandescorrentesdalinguisticamoderna:estruturalismofuncionalismogerativismo> Acesso em: 21/03/2018.

DUARTE, Sirlene. Flexão e derivação – dois processos morfológicos. *LINGUAGEM: Estudos e Pesquisas* – UFG. Vol.12. Campus Catalão. 2008, p. 196-206.

FANTINATO, Marcelo. *Métodos de pesquisa*. PPgSI – EACH – USP, 2015. Disponível em < <http://each.uspnet.usp.br/sarajane/wp-content/uploads/2015/09/M%C3%A9todos-de-Pesquisa.pdf> > Acesso em: 10/20/2018.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.157-176.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: *Congresso internacional da abrapui – the eaching of english: towards an interdisciplinary approach between language and literature*, 2009, São José do Rio Preto. Anais... Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense, 2009. Não Paginado.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em Português*. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_.; SOUSA-E-SILVA, M. C. P de. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2012

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Lições de morfologia da língua portuguesa*. Jacobina: Tipó - Carimbos, 2003.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Mirian Ribeiro de. *Língua: instrumento de exclusão e inclusão sociais*. In: *III Simpósio internacional sobre análise do discurso: emoções, ethos e argumentação*. 2008, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 127-137. Disponível em < <file:///C:/Users/Computador/Downloads/3460-12725-1-PB.pdf> > Acesso em: 05/07/2017.

PIETROFORTE, A.V. *A língua como objeto da linguística*. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à linguística – objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2005. p.75-93.

PORTUGUÊS, D.O. *Significado de Prezado*. Disponível em: <[www.dicio.com.br/prezado/](http://www.dicio.com.br/prezado/)> Acesso em: 02/06/2018

POSSENTI, Sírio. “Meninxos, eu vi!”: Revista Ciência Hoje. 2015. Disponível em <[http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3090/n/meninxs,\\_eu\\_vi!/Post\\_pague/3](http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3090/n/meninxs,_eu_vi!/Post_pague/3)> Acesso em: 27/04/2016.

ROCHA, L. C. A. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG. 1998.

ROLOFF, A et al. O uso do “x” como marca de gênero no Facebook®: uma análise sociolinguística. In: *Revista versalete*. Curitiba, v.3. n.4, p. 26-42. 2015. Disponível em < <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-04/26AionRoloff.pdf>> Acesso em: 27/12/2017.

SANTOS, Caio César Costa. Linguagem como prática social e mediadora da formação cultural e humana: algumas reflexões. Rios Eletrônica - *Revista Científica da FASETE*. 2012. Disponível em <[http://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2012/linguagem\\_como\\_pratica\\_social\\_e\\_mediadora\\_da\\_formacao\\_cultural\\_e\\_humana.pdf](http://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2012/linguagem_como_pratica_social_e_mediadora_da_formacao_cultural_e_humana.pdf)> Acesso em: 27/04/2016.

SILVA, José Pereira da. *A polêmica questão da categoria gramatical de gênero. (UERJ e ABF)*. 2004. Disponível em <<http://docplayer.com.br/36996105-A-polemica-questao-da-categoria-gramatical-de-genero-27-jose-pereira-da-silva-uerj-e-abf.html>> Acesso em: 05/07/2017.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. O pesquisador e a produção de conhecimentos. *UNIVESP: Introdução a pesquisa científica em educação*. Disponível em <[www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf)> Acesso em: 01/05/2017.